

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIÓDICO SEMANARIO

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

Subscreve-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6—á 4000 reis por bimestre ( ou 8 numeros. ) —  
A redacção accelta e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

## LITTERATURA

### A INFANCIA.

( Conclusão. )

Brincar... e brincar sempre, eis em que se occupa esse pequeno vivente, cujo coração he tão puro como o odor da modesta violeta que de sobre o mole pedunculo brandamente se debruça ao impulso da brisa, que apaixonada vem suspirar em torno d'ella.

Quantas vezes, uma herbolleta que volitando de flor, em flor vai titilar sobre um mal-mequer, não prende toda inteira a attenção de um innocente menino? !..

Quantas, um passarinho, uma futilidade qualquer não fal-o entreter-se todo um dia inteiro? !..

Oh! como é grato ao coração vel-o socegado dormir!..

Que sonho tão puro!.. tão innocente... tão imperturbavel!..

Somilhante a rolinha do deserto, que a noite sobre os charcos ovinhos placidamente dormita, o menino assim descança, deixando apenas sentir-se o pausado oscillar da pendula da vida, que sereno llo marca seus periodos d'ella.

O dente do remorso não lhe vem morder as fibras de seu coração!..

Sonhos aterradores não lhe veem com o pincel do destino molhados na negra tinta dos soffrimentos—desenhar o horrivel quadro de seus feitos do passado!..

Sua vida tão pura, como um pensamento de amor esvoaçando n'alma da mulher que não sabe ser perjura:

Tão bella, como um chôr d'aquella que nos deo seu coração,—e que è nosso pensamento querido de todos os dias,—nesso sonho doirado de todas as noites:

He a feitura melhor da mão de Deus, o quem dera que não fosse tão passageira!..

Infancia!.. Infancia!.. tu és a quadra mais jucunda, á melhor de nossa existencia!..

Se não tens tantas glorias que offerecer, como as outras,—tambem não nos fazes soffrer tanto!..

Com que saudades,—infancia,—não me recorde de ti!..

Ah!.. dizeso... mil vezes dizeso se me fora dado gosar os doirados, e floridos dias da tua estação de folgares, e louçanias!..

Oh!.. tão feliz eu seria se pudesse colher uma flor do jardim da minha infancia!..

Quão venturoso! se remontasse ao meo passado!..  
Ah! o passado!..

Página do livro de nossa vida, que a mão pesada do tempo volve de uma só vez, e para sempre!..

E quem haverá ahi, que não dê uma lagrima ao seo passado?..

Um suspiro de saudade ao tempo quérido de sua infancia, tão santo, que foi o escolhido por Deus, para ser aquelle em que aprendessemos o mais doce, e terno e expressivo de todos os nomes,—o *sacrosanto nome de Mãe!* !..

Ah! infancia tu és a quadra mais bella de nossa existencia!..

De todas,—a unica que se escoa limpa de qual nodôa, escumada de vicio; de todas aquellas que se som arrastar apoz si os padecimentos, que torturão alma e envenenão o coração!..

Abençoada por Deus, tu merceas os mais puros votos da humanidade!..

A ti pois todos os hymnos do meo coração agradecido!.. á ti todos os pensamentos mais puros de minha alma hoje, embebida no mar do soffrimento e da mais pungitiva saudade!..

« Infancia! chora infancia dos meos dias!.. »

« Bem querida do Ceo,—és d'ella a copia.. »

« Flor esballada de innocencia ao sopra »

« E's o astro melhor, o mais formoso »

« Que p'rilampeis no horizonte nosso! »

« Na harpa do coração te vulto um hymno. »

« A ti meo pensamento,—a ti meos cultos. »

M. B. Bolivar.

## Recordações.

... Em tal pensando  
De martyrios calar sinto em meo peito  
Tão grande plenitude, que minha alma  
Sente amargo praser do quanto soffre.  
(G. Dias.)

O noctivago crepusculo ja invade a terra e a vae envolvendo em tenebrosas sombras!..

E' quasi noite... è tão morenoria e bella como a Virgem encerrada no sombrio claustro!.. Sorrente no Ceo benigna e radiosa estrella me concede o seo luzeluzo!.. Oras são essas para mim de accorhos pe-

nares, que a mente trazem-me tão pungentes recordações e saudades!

Quando olvidarei, Francina, os bellos colloquios em que, então doces momentos passavamos; nos quaes eu aprasia-me tanto, quando abria esses teos labios, tão nacarados, semelhantes as petalas de um tenro botão de rosea flor ao desabrochar, que só expira frescura e odor, e então disias-me—« hei-de amar-te até a morte! . . . » Essas tão poderosas e magicas palavras orão tam recolhidas no imo do meo peito, como a terna Philomela recolhe em suas leves azas o fructo dos seus amores! . . .

N'essas horas de amor, que junctos passavamos; em que, absorto eu contemplava a tua bella perigrina, na qual reconhecia que a Mão de Deos, com preferencia, sobre ella tinha lançado o seo Dedo Omnipotente; soltavamos brandos suspiros, que só exprimão contentamento, alegria, praser e amor! . . .

Oh! quão ligeiro foi esse tempo! quão levede passou essa epocha tão feliz do minha existencia! . . .

Acaso, linda Francina, d'elles te não recordas, d'elles te terás esquecido?

Quer eu passeie por essas virentes veredas, em que contemplas lindas florinhas, que altivas se ostentão morando a brisa, e embellecendo esses pitorescos jardins! . . . quer eu escute o sonoro gorgoio de terzavasinhas, e quer finalmente meos olhos se dirijão para o azulado Céu, nada me faz esquecer-te, quanto mais a minha vista se prolonga para esses lugares, mais sensiveis recordações e saudades me oprimem o peito! . . .

Ah! Francina, como ditoso me esmo quando nos meus sonhos, e continuos pensares, julgo que ainda me amas como d'antes! . . .

Ainda será assim?

Se o és, Francina! seja a nossa divisa, em memoria d'essa epocha feliz e ditosa—« Recordações e Saudades—»

2 de Junho do 1861.

A. Cascaes.

## ROMANCE.

### Julietta e Claudina,

ou

AS DUAS AMIGAS RIVAES.

Diogo I, rei de Escocia, foi muito tempo infeliz no seo reinado. Os Grandes do estado divididos entre si formavão diferentes partidos, huns, que haviam entrado na conspiração do Conde de Athol, protegião a causa d'este Principe com hum zelo, que depois lhe foi funesto; outros, tendo vistas diferentes, fazião todas as disposições para conservar a Coroa a seo rei. O supplicio do Conde de Athol foi atroz, e todos os seus amigos juravão vingar a sua morte, ou morrer.

O lord conde de Milford era um dos descontentes. Na idade de 25 annos achava-se muito rico, era valeroso, tinha amigos, e o seo partido dava cuidado a El-rei. A estas qualidades porem juntava ainda outras de muito maior valor para o sexo da belleza: era amavel, era judicioso, e tinha uma figura in-

teressante: Depois da morte do Conde de Athol vivia retirado em uma quinta algumas leguas distante de Edinbourg.

Entre todos os grandes Officiaes da sua corte, a quem o rei estimava mais, era o General Murcé. Este bravo militar tinha grande valimento com seu amo, e pode alcançar o perdão para um seo antigo amigo, o barão de Salclair, falsamente accusado de hever tido parte na conspiração do conde de Athol. A casa de Salclair tinha fseendas muy perto do condado de Milford e esta vizinhança era a causa de interminaveis processos entre as duas familias: o seo odio era implacavel depois de muitos annos.

Um dia o general Murcé, viuvo depois de algum tempo, veio procurar o barão de Salclair, e trasia consigo Claudina sua filha unica.—Meu amigo, diz elle ao barão, eu estou carregado pelo nosso Monarcha de uma commissão importante na Corte de Inglaterra; permitti-me que deposite entre vossas mãos o thesouro mais precioso, que tenho. Claudina acha-se doente, e não pode acompanhar-me; eu a entrego a vossa amidade. O ar do campo, e a sociedade da amavel Julieta me deixão descansado sobre o restabelecimento de minha filha. Quando eu voltar, vos mostrarei então todo o meo reconhecimento, . . . — Não nos falleis em agradecimento, respondo immediatamente a baronesa de Salclair, nós fazemos o nosso dever; assim podeis partir socgado.

O general Murcé partio no mesmo dia, e deixou sua filha em casa do seo amigo. Mas a saude de Claudina hia cada vez a pior, percia a cor, e a belleza, e excitava as lagrimas da sensivel Julieta, que um pouco mais nova que Claudina bem pouco conhecia ainda o mundo.

As tristesas, fructo de uma paixão infeliz, alada não tinham atacado o seo coração, vivia alegre, vivia ditosa. Com tudo não podia comprehender como Claudina chorasse sempre, e estivesse sempre triste. Pobre innocente! ah! não sabia ainda o quanto custa o amor!

Um dia que Claudina estava com os olhos mais inchados de chorar, Julieta veio ter com ella, e abraçando-a ternamente, lhe disse, que te afflige? desvontas tu da minha discipção, porque não me contas o motivo das tuas penas? . . . A triste Claudina respondeu-lhe: Ah! porque dejas tu saber o que tanto me atormenta? talvez deixaria então de me querer bem! . . . N'este tempo novas lagrimas lhe rebentavão de seus macerados olhos. Julieta apertou mais com sua amiga, e por fim Claudina abraçando-a, lhe disse: Ora pois, minha querida, não fiques mal comigo; sabe que toda a causa dos meus males he o conde de Milford. . . . Ah! eu o amo elle só me faz padecer.

Pois que! Milford! cujo nome he tão odioso a tua, e a minha familia! — Sim, eu o sei, respondeo Claudina; por isso te disia não ficasses mal comigo, mas ah! quando uma inclinação! . . . Julieta! Julieta! O' minha amiga, perdoa o meo delirio! . . . Eu jurei de o amar e hei de amal-o até a morte.

( Continúa. )

## SOBRE UM TUMULO

Linda rosa desfolhada,  
Pobre flor quem te ceifou?  
Entre a relva do sepulchro  
Quem foi que te arremessou?  
Hontem ainda ostentando  
Aroma, frescura, amor,  
Hoje mortra abandonada  
Quem te ceifou, linda flor?  
Hontem orgulho dos campos,  
Rainha da formosura,

Hoje perdida entre os goivos  
Que medrão na sepultura!

Como a tua quantas vidas  
O abysmo da morte encerra!  
Nos segredos do mysterio  
No esquecimento da terra!

Quando um dia alguém passando  
Junto d'esta lousa fria,  
Perguntar que triste arcano  
Guardas, oh! campá sombria;

Dizei-lhe, oh! brisa da tarde,  
Embalsamadas nas flores,  
Que esta pedra sem letreiro  
E' um epitaphio d'amores.

Em pouco tempo passaste  
Do berço a campá coitada!  
Quasi sem ter existido  
Foste a morte condemnada!

### DISTRAÇÕES

( Trad. do Francez. )

I.

#### Dois beijos.

Foi a sombra da arvore copuda,  
Que obtive dois beijos de Silvia;  
Com o primeiro, de amor espirei,  
Com o segundo, a vida tornei.

II.

#### Amante abandonada.

Zeffros ternos, que soprais tão brando,  
Echos d'este ribeira tão famosa,  
Imitai os suspiros, imitai.  
De minha lyra triste lastimosa.  
Quando o ingrato que adoro me foga,  
Não attende meus prantos meus ais,  
Ah! só vós, destas dores que eu sinto,  
Dos meus males, só vós, partilhaes.

III.

#### A rosa e o vento.

No cristal de uma fonte, uma rosa  
Seus encantos um dia contemplava,  
Toda cheia de si, presumpçosa,  
Seo prater, sua bella admirava:  
Mas depressa já o vento a desfolha,  
Vem-na já sobre a clara ribeira,  
Folha a folha, e correndo, parando,  
Indo a loage de sua roseira.

3—de Junho 1861

A. Laim.

#### QUE MAIS QUERO!

O thesouro melhor do Ceo baixado,  
A ventura maior que se me aponta,

A coroa real, que adorna a frente  
D'um sublime mortal, d'um Potentado.

A riqueza do mundo a mais subida,  
O soberano throno abrilhantado,  
Eu deixaria por ti... tudo a teu lado  
Desmerece qual flor emurchecida!

E' somente por ti que me apalxono!  
Quero escravo teu ser, minha Querida,  
P'ra gozar teu amor ou dera a vida,  
Teo amor para mim vai mais q'um throno.

V. J.

### —VARIACÃO POETICA—

Das flores de um bem composto açafate se extrahio  
o raminho que devia produzir no Jardim das Mara-  
nhenses o seguinte rebento:

A virtude, ó chara filha,  
Seja todo o teu primor;  
A sorte enganosa e varia,  
Sem ellas, não tem valor.  
Tudo se acaba: a riqueza,  
A formosura, o amor;  
Zomba da sorte a virtude,  
Da morte dissipa o horror.  
Brilha na vida a virtude  
Qual lusir ao brando albôr,  
Cultiva, filha mimosa,  
Tão viçosa e linda flôr.

30 de Maio—1861—

A. Laim.

### O AMOR DA MULHER

O amor da mulher é tão santo,  
E' tão bello, tão grato, e gentil;  
E' tão raro qual brilho d'estrella  
Entre nuvens de ouro, e d'anil.  
E' tão grato, tão lindo, e mimoso  
Qual da rosa formoso botão;  
O amor da mulher é ardente  
Como a lava que sabe do vulcão.  
E' mimoso, tão meigo e ameno  
Como a flor pela aura emballado;  
E' suave qual brisa fagueira  
Em serena e gentil madrugada.  
O amor da mulher é uma imagem  
Que eu sei cá no peito guardar,  
Appareção os profanos; que irei  
Pelo amor da mulher batalhar.

Maio 29—1861.

J. R.

PARA O SR. LULU' LER E APRECIAR.

### SCENA ORIGINAL

—Assignante do Pyrilampo—Ora viva, amiguinho,  
como passa, sabe dizer-me como vai o — Jardim das  
Maranhenses;—que noticias ha do Pyrilampo?

—Assignante do Jardim—Como? . . . pois, deveras não sabe do Pylilampo? . . . pois, carissimo amigo, está muito atrozado, e vou diser-lhe alguma cousa a respeito, isto é, rabecar um pouco na vida do proximo.

—Assignante do Pylilampo—Apoiado, gosto muito disso; mas vamos ao que importa: diga-me o que souber a respeito do amantetico Lulú. . . .

—Assig. do Jardim—(interrompendo-o)—Homem, é exactamente sobre o cujo, que lhe vou fallar:—Não sabe? . . . esse menino, que inda a pouco vociferava furioso, contra os beijinhos e ballões das mimosas Maranhenses; esse que se dizia o modelo dos scepticos, é, agora, o mesmo, que escreve isto.—(mostra-lhe o Pylilampo.)

—Assig. do Pylilampo—O que?

—Assig. do Jardim—Ora, o que; lêa e verá!

—Assig. do Pylilampo—(lendo)—«O ultimo ensaio que deo o «Recreio Juvenil» oh! Ceos! estovo mesmo de matar. O coração por mais sceptico que fosse não deixaria de alli sentir amor.»

—Assig. do Jardim—Então, que me diz a isto? E' ou não engraçado o tal Lulú?

—Assig. do Pylilampo—Realmente, estou pasmado! Nunca me persuadi que as sanfarronadas do furioso antagonista dos beijinhos e ballões, dêssem nisto (meditando um pouco, torna de subdito)—Mas, não, isto não é escripto por elle, é impossível!

—Assig. do Jardim—Ora. . . . impossível. Meu amigo: «todos comem palha, o ponto está saber-lh'a dar,» assim dizia um velho Dezembargador.

O que o «Recreio Juvenil» não fizer, mais ninguém o fará. Vá a um *soiré* delle, e verá se não é certo o que lhe digo. (reparando) Porém, caíluda, que ahí vem o homem das botas—fallai no mau aparelhai o pau.

—Lulú (trajando a janota, chibinho na mão, luneta sem vidro e sapatos brancos, & c.)

Ora vivão, meus senhores, como vão suas catholicas pessoas—já virão o ultimo numero do «Pylilampo;» virão que tunda levão alli os namerados?

—Assig. do Jardim—(com ironia)—E' verdade, agora mesmo acabo de elogial-o a esse respeito (aparte) forte tolo!

—Lulú—Hei-de tozal-os no ultimo ponto!

—Assig. do Jardim—Fogo nelles! e sempre dando-lhes no fraco!

—Lulú—Que duvida, assim é que sei combater. Quero ver o que dizem—o Xiquinho e o Ferrabraz.

—Assig. do Jardim—(com ironia)—Tambem quero ver. Os seus argumentos são de convencer!

—Lulú—(com enthusiasmo)—Exacto, exacto.

—Assig. do Pylilampo—(a parte)—O homem tem pancada!

—Lulú—Mas, meus senhores, a conversa está boa, porem, vou com muita pressa; vou ver se está a janel-la uma pequena, que . . . Adeos.

—Ambos—Adeos.

—Assig. do Jardim—Ja vio? isto é que é ser sceptico!

—Assig. do Pylilampo—você inda não é maluco!

—Ambos—E' maluco. (Não as mãos e separão-se.)

Fim.

## A DEUS Á VIDA

Lisa, eu sinto que o final momento

Cedo me rouba do viver a luz;

Sinto findar-se meu voraz tormento

Poisando enfim amargurada cruz.

Um resto amargo de amargosa vida,

Eis o que o mundo me deixou na dôr?

E' bem custoso ver assim perdida

A esperança toda d'um viver de amor!

Tu foste, ó Lisa, que primeiro n'alma

Lavrar fizeste tão fatal paixão;

Tu foste a virgem que arroncaste a palma

Que o negro vicio não manchava então.

P'ra que, ó Lisa, me appareste pura,

Cheia de cocantos em teu doce amar,

Se n'um momento de cruel tortura,

Aos pés havias meu amor calcar?!

Oh! o tormento que soffri nesa'hora

Não posso em fallas traduzi-lo aqui;

E' nessas horas, que o soffrer devora

Um pobre peito que viveu por ti.

Tu, a quem, joven, se sorri o mundo,

Não avalias meu cruel soffrer,

Não sentes n'alma o flagelar profundo

Desse tormento, que me faz morrer.

Mas se trahida, abandonada e triste,

Os teus tormentos não ouvir ninguém.

Na minha campa vai chorar, ó Lisa,

Que lá contigo chorarei também!

Ali, ao menos não terás desprezo

De quem na terra só desprezos vio,

Vai, que este peito baixará ileso

Do puro amor que por ti sentio.

Agora a morte se aproxima leata,

Cedo da campa gozarei a paz,

Mas tua imagem inda aqui me alenta,

Inda da vida as illusões me traz.

Oh! se eu pudesse para alli levarte!

Se a negra campa não baixasse a sós!

Era um alivio, mas assim deixar-te!

Morro em torturas d'um ciume atroz!

Mas não, somente levarei no peito

A tua imagem que lamento em ais!

Mesmo dormindo no marmoreo leito,

Te amaré minh'alma cada vez mais!

Adeos! . . . eu sinto que o final momento,

Cedo me rouba do viver a luz,

Sinto findar meu voraz tormento,

Poisando enfim amargurada cruz!

M.

ERRATA.—O artigo do Sr. A. Cascaes, que vem estampado no ultimo n. deste jornal, em lugar de—A Lua—Offercida a Ilma. e Exma. Sra. D.—lêa-se—A Lua—Offercido a Ilma. e Exma. Sra. D.

Decifração da Charada do n. 12—é—ROZALIA—

MARANHAO Typ. do COMMERCIO, Praça do Commercio.

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO  
LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

Subscrivesse nesta typographia ou na rua da Viração n. 6— 1000 reis por bimestre ( ou 8 numeros. ) —  
A redacção acceta e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

## LITTERATURA

### MARIA.

— A NOVA SAPHO. —

TRADIÇÃO DO MUNIM.

Souvent elle demeurait immobile  
sur le rivage de la mer, qu'elle ar-  
rosait de ses larmes. . .

Fénélon.

I.

Sobre uma pedra elevada  
Que se vê na ribanceira  
Do Munim, a fresca sombra  
De copada engaraneira;  
Em um lugar onde o rio  
Rápido vai sussurrando  
E espantosos rochedos,  
Espumoso, marulhando,  
Vinha de tarde sentar-se  
Moça estrangeira mimosa,  
Tão interessante e bella,  
Como triste e desditosa.  
Na mão a face encostando  
Em reflexões se abysmava;  
Da parte da fóz do rio  
Seus olhos não apartava.  
E immovel, meditabunda  
Uma estatua parecia,  
Bem que não nas muitas vezes  
Que pranto amargo vertia.  
A languidez dos seus olhos,  
E do seu rosto o pallôr  
Em seu peito annunciavão  
Concentrada acorba dôr  
Os seus ardentes suspiros  
Continuo se misturavão  
Aos das brandas auras leves  
Que em torno d'ella adjavão.  
E trazião-lhe os aromas  
Das flores campanuladas  
Das viçosas tropadeiras  
Sobre as margens debruçadas;

Ou da candida açucena,  
Ou de outras flores vistosas,  
Que tornão tão pictorescas  
Essas margens deleitosas.  
Porem nunca uma flor d'assas  
A desgraçada apenhou;  
Nenhuma por mais formosa  
Os seus cabellos toucou.

E nem lhe importava o canto  
Do sabiã terno, amoroso,  
Que cantava junto ao ninho  
Sobre o pardo tronco annoso.

Porque, indifferente a joven  
A tudo quanto a corcava,  
Parece que só vivia  
Pela dor que a lacerava.

A's vezes um—ai—sentido  
Entre os seus labios sabia,  
Que amargura—que pezares,  
Que saudades exprimia!  
Palavra expressiva d'alma,  
Com que a interna paixão  
Rompe, em suspiros de fogo,  
Como a lava do vulcão.

E nessas boras saudosas  
De suave melancholia,  
Sempre para o terno amante  
Cheias de doce magia,

A joven sempre ali'stava,  
Sempre no mesmo lugar;  
Uma tarde lá a deixava,  
Outra tarde a vinha achar.

Na mão a face encostando,  
Envolta em melancholia,  
Immovel—meditabunda,  
Uma estatua parecia.

Mas si do lado da barra  
Algun barco divisava,  
Sempre julgando que aquelle  
Lhe trazia o que anhelava.

Volvia do seu lethargo  
A desconhecida bella,  
Um sorrisonda esperanças,  
Passava nos labios d'ella.

—“E’ elle! é elle!”, dizia  
Com alvoroço e effusão;  
E em seus desmaiados olhos  
Brilhava a satisfação.  
E perguntava ansiosa  
A passageiros e arraas  
Por Mauricio... (ingrato amante,  
Que não devia ver mais.)  
Porem ninguem dava novas  
D’esse Mauricio traidor;  
De novo a triste ficava  
—Esmagada pela dor.  
Muitas vezes da amargura  
Seu coração, no transporte,  
Sentia despedaçar-se,  
Sentia visinha a morte.  
O pranto era seu alivio;  
Chorava a infeliz, chorava...  
Esperando era illudida;  
Porem de novo esperava.  
E quando a brilhante copia  
De estrellas ornava o côo;  
E a negra noite estendia  
Sobre o rio o denso veço;  
Voltava no tecto hospedeiro  
D’um lavrador virtuoso,  
Onde encontrara agasalho  
Delicado e caridoso.  
Cinco semanas passaram;  
Maria se passou assim  
Os dias eraõ taõ longos...  
Entre agonias sem fim.

( Continda. )

## FOLHETIM ORIGINAL.

## AMOR DESGRAÇADO.

Credulidade em nós, astucia n’ellas!...

## I

Era n’um baile.

As sallas começaram a encher-se e o movimento que se notava prometia grande concurencia.

Oh! eu amo o baile, porque nelle divizo a imagem deste mundo enganador, e as scenas desta vida tranzitoria desbotada com prantos.

Quantas esperanças perdidas, quantos sonhos desfeitos nestas noites de prazer e de loucura!... Quantas illuzões murchas como as flores que adornão as sallas?!

Abi o anjo de condura, transforma-se na mulher elegante, que só pelos sentidos vive, e que perdeo todo o coração!

Essa imagem que o mundo acolhe, nada é mais do que a hypocrizia cingida nas vestes da innocencia.

Com a cabeça desdehozadamente recostada ao umbral

d’uma salla, e os braços cruzados sobre o peito estava um mancebo, cujs phizionomia demonstrava ter mais de 18 annos.

Seu profundo olhar se eravava n’uma elegante jovem, (ante a qual se achava) que não parecendo dar attenção ao ruido tumultuozo das sallas entregava-se inteiramente, absorta a contemplar a belleza das flores que guarnecião os dourados vazos d’um consolo proximo, donde exalava o mais deliciozo perfume.

E o mancebo cujo olhar prescutador se fitára com mas attenção sobre a virgem, ficára immovel como que meditando.

Não o desereveremos, pois seria tornar-nos enfadonho, fazendo descripções ja mil vezes repetidas: será bastante dizer, que era o nosso heroe protegido das muzas, e um completo rapaz da epocha.

Quizera tambem fazer um fraco esboço dessa virgem ante a qual deixamos o poeta, mais é tão uzual descreverem-se tão perfeitas as nymphas do amador que bem se pode dizer que as descripções de taes bellezas cahirão hoje no ridiculo. Não a descreverei, pois se tentasse não acharia na terra imagens para comparação, por mais finos que fossem os pinceis, não reproduzirão cauza que se lhe pudesse assemelhar.

As estrellas perdião todo seu brilho e fulgor, comparadas com os seus olhos azues, copia dos céus, o jasmim e a açucena parecião de alvura duvidosa a respeito da cor de sua tez; a mesma roza era desbotada ao aproximar-se de suas faces, e as perolas não tinham valor comparados com seus dentes!

Era um composto tal, que nem a imagem de um pinceel retrata.

Trajava alvas vestes typo da mais terna candidez; uma ligeira fita da cor do mais vivo carmin lhe ligara mansamente a cintura do talle, e duas pontas cahião desdenhosamente a seus pés como para render-lhe homenagem. Sua virginal fronte magestosamente alçada deixava ao poeta contemplar as bellezas d’um virgineo collo, d’onde cada pulsação de seu coração, parecia dizer—amor!—

E o poeta contemplava!

Mas de repente como despertado do lethargo que o abysmava, fora de si com voz sentida exclamou:—*A’ cima della Deus, Deus tão somente!*—

As ultimas palavras do poeta soarão como o echo, aos ouvidos da donzella distrahida, que voltou meigamente a cabeça como procurando o insensato que as proferira. . . . mas um ligeiro rubor lhe assomou as faces. . . . reconheceo o poeta!

Será necessario levar o leitor á epocha um pouco mais remota, no que seremos concizos.

## II.

Era ao deslizar de uma formosa tarde de Abril, o oceano começava a receber em seu seio os primeiros raios do sol, e o ar embalsamado que respirava o atmosphera, envidava um passeio pelas ruas menos abafadas da cidade, onde encontraremos um joven ta-

citurno, com a cabeça pendida sobre o peito, parecendo mergulhado em profundas meditações.

Era o poeta.

E qual seria a causa desta repentina transformação na alma d'aquelle mancebo á pouco tão jovial e folgazão?

Quaes serão as emoções por mais fortes que possam abalar os deleites da alma d'um joven de 18 annos? ..

Uma só—o amor! —

E assim era.

O mancebo acabava de ver o objecto que lhe tinha pela primeira vez germinado no peito a ideia do amor, acabava de conquistar para sempre o algóz de seu socego e a ternura de sua alma! Oh! já elle amava e muito.

Porque esse joven á pouco confundido n'um turbilhão de amigos, rindo e folgando, procurava agora por companhia a solidão, onde sem ser interrompido parecia indagar a causa da transformação de sua alma? Quem diria, d'esse poeta, que outr'ora só decantava entes phantaziados, creados pela imaginação, pulsava agora com mais força as cordas de sua lyra e cantava o ente que se lhe impressionára n'alma?!

E o poeta cantava:

Eu a vi, era bella era linda,  
Qual da rosa o vicioso botão,  
Que o mocio beijinho recebe  
Da manhã na serena estação.  
  
Seu olhar era brando, era meigo,  
Era grato era puro e gentil,  
Quasi estrellas espartido fulgores  
Em sereno horizonte d'anil.

Ah! se ella me desse um sorriso,  
Ah! se ella me desse um olhar,  
Ah! se ella quizesse ser minha,  
Ah! se ella me viesse aditar!

Eu um peito sensível lhe dava,  
Um constante e fiel coração,  
Um amor e um'alma indezível  
Uma eterna e ardente paixão! ..

E dois mezes bavião somente decorridos depois d'aquella tarde até que na noite do baile, o acaso os fez de novo encontrar, encontro que mais avivou a chama que minava o coração do poeta, que até ali vivêra de esperanças! ..

(Continua.)

J. R.

## CHRONICA

Amáveis leitoras, chronica! podem-nos chronica! ?.. E o que é chronica pergunto eu por minha vez? — E' a historia em que se observa a ordem dos tempos— respondeu-me um velho Dicionario de alto de sua prateleira—Ah! se é isso, muito bem, estou satisfeito,

porque vejo a *ordem dos tempos* tão alterada. . . . telegraphos electricos, balões (ao menos nas saias das senhoras, ) exuberante prova de que o mundo apesar de—andar de cabeça para baixo, (como dizia minha avó) tudo é progresso e civilização!

Ora, não prescindindo destes *principios*, la vai chronica.

Mas, por onde começar? . . . Se ainda no Olimpo houvesse algum *Deus das chronicas* a quem eu invocasse! . . .

Insipidez, monotonia, é a ordem dos tempos.

Ah! esperem, se bem me lembro fallei-vos em balões; pois quero contar-vos uma historia d'elles. Historia? não, porque a minha narrativa é tão verdadeira como os juramentos do eterno amor. . . e sem mais preambulos, começo:—Em uma das noites de festejo da nossa—Independencia—, passeava eu mui distraído, saboreando o meu inseparavel charuto, eis quando ouço uma immensa vozeria de—*lá vai balão!* . . . Confesso-vos que fiquei bastante espantado ouvindo tais brados, porque havia algumas horas que se me tinha mettido em cabeça, converter as *estrellas em oraculo*; e quando todo entregue á contemplar os priméres da criação. . . eis-me . . . oh! não sei de nojo como o conte! . . . eis-me melindro a extensão da terra com o nariz! ! ! . . .

E quando á muito custo tirei a immensa poeira que me vendava a vista, e procurava o colosso que tão poderosamente me lançara par terra, é que vi ao longe á

? Um immenso balão, mais incluído que uma

navogando a todo penna!

Eu fiquei por terra, e a ordem dos tempos prosegue.

Mas como vos hia dizendo: tremi ouvindo dizer—*lá vai*. . . . — nada mais fiz do que arrimar-me á uma porta, e então reflecti cá com os meus botões: ser, elle? Subiria ao ar? . . . Mas volto a cabeça, deito a luneta, conheci para logo engano nas minhas conjecturas. Era um balão, mas de papel e seguramente menor que o *ajó*. . .

Livre do perigo, puz-me ao largo continuei a passear inda que mais triste do que quando contemplava as estrellas, necessitava distração, pois os transes pelos quaes á pouco passara bastante me havião dado á pensar.

De subito uma ideia sublime atravessa a mente:—« D'onde sai balão, necessariamente deve haver *balões*—» disse eu, caminemos até lá.

Em poucos momentos dei commigo em frente do nosso Jardim Botânico—! Que espectáculo maravilhoso, se desenrolou a meus olhos! . . . Uma infinidade de luzes para logo me deslumbrarão a vista; (não sei porque até ali só tinha visto o pallido clarão das estrellas). E eu que não tinha tido o trabalho de lá ir para ficar na rua, resolvi incontinentemente romper um grupo de moças que tomavão a porta.

No primeiro impeto, fui feiz, pouco depois come-

çou-me a faltar o ar, até julguei-me transportado a 16 leguas da terra, onde ouvi dizer a meu mestre que existe o—vacu—. Sofocado como estava mal podia dizer—com licença—e apoz muitos—ais Jesus que me pizou!—eis-me traspassando o umbral, livre d'um segundo perigo que me predistinava as estrellas, naquella noite para mim tão mal fadada!!

O Jardim ainda que falto de flores naturaes, apresentara com tudo um aspecto radioso, tudo era belleza e harmonia!... Guarnecido das mais interessantes flores que formão o—bouquet Maranhense—respirava um aroma enebriante, o prazer reboava em todas as faces, (menos na minha que um frio suor inda o alagava). Comtudo accendi o meu inseparavel companheiro, e eis-me só, com ohar distraído, ouvido alerta, como deve estar um chronista. Ah! quantas couzilhas boas não sabe elle! quantas confidencias não tem apañado?!

Não cores leitoras, não fallo comvosco, até vou contar-vos o mais recente caso que sai:

Em uma das ruas mais solitarias do Jardim passearão duas interessantes moças, uma dellas, a que tomava a direita com voz bastante alterada fallava assim: (ipsis verbis)

E que tal lhe parece esta?... empenhar-se para que eu cá viesse somente para zombar de mim, para eu ser testemunha de seus namoros?!... Veja como lhe rende finezas? Olhe como aquella insensa a ri?!...

Escute D. M., replicou a outra, falle mas baixo não tem que zangar-se, eu tambem sou moça apesar de ser sua amiga, porem neste caso não lhe posso fazer nada....

E porque? perguntou D. M. formalizada; ah! ah! já não se lembra? E aquellas flores, que você deu antes de hontem ao Tótó, quando conversou umas tres horas com ella? E elle que tudo presenciou pediu-lhe licença para vingar-se. Você deu... é ter paciencia...

E' verdade que do ante-hontem para cá tenho conversado com muitos mais, só a seis dei flores, disserão todos elles que me amavaõ, eu calei-me, e elles ficaram—no calla consente.—Finalmente o que mais sinto (cá para nós) é perder este decimo setimo namorado, a quem amo extremosamente como os outros.

Não ha-de moçar de mim, está enganado, vou tambem mostrar-lhe como se namora!... Nisto arranca-se com força do braço da amiga, e vai dar a um desses—galans—a quem chamara seu primo; em quanto a outra ficara só, estupefacto, exclamando, «aque rasgo voluptuozo de coração»!!...

Não ha aqui de exagerado, cartas leitoras, se o caso que acabou de referir deu-se com alguma de vós, o conhecerdes falta de palavras (sempre para menos) perdoai-me mandae-me uma errata, pois sabeis não sou tachygrapho... e... com suas licenças vou deitar-me... Ah! escutem, escutem, mandai-lhes dizer minha prima que no dia 9 as espera sem falta no largo do carmo, na novena de Santa Philomena,

e que a ordem dos tempos—é vestidos brancos de casa, com mangas á *balão*, e cauda de dois palmos, laço cor de roza ao lado direito da cintura, e bonets a garibaldi.

Quanto a mim até lá.

## Poesia.

### Offerecida a Exma. Sra. D. F.....

Oh! Virgem mimosa, de ohar resplandente,  
Quisera uma crôa, sublime, offertar-te;  
Mas forças me faltão, a Lyra não tenho,  
Na qual eu possesso o amor decantar-te...

E's bella e tão pura, como a casta sucena,  
Que linda se ostenta em grande jardim;  
Teus labios de rosas, quão bellos que são  
Teus dentes, tão alvos qual jaspas, ou marfim.

Oh! Virgem mimosa, por ti eu deliro:  
E soffro na terra sem ter linitivo;  
Constante e sincero sempre de adorar-te,  
Pois amor eu te tenho e assas excessivo.

Ausente de ti! meo Bem! muito soffro;  
Quisera que leesses em meo coração;  
Terriveis saudades oprimem-me o peito,  
E tornado-o tem em grande Vulcão!...

Sam Luiz 2 de  
Agosto de 1861.

A. Cascaes.

A' EXM. SRA. D. C. B. M., NO DIA 28 DE JULHO.

## Recordação.

Recorda, donzella, recorda qu'è hoje  
De Julho esse dia vint'oitto feliz,  
E fazem dois annos qu' em esplendido baile  
D'amor e constancia mil juras te fiz.

Nas salas tú eras a flor, a rainha,  
Um anjo, na terra sem par;  
As outras donzellas no baile invejavão  
Teu garbo faceiro, teu lindo dançar.

E eu embebido nos teus attractivos,  
Gosando ufano teu meigo sorrir,  
Notava em teos othos uns certos volveres,  
Que só parecião amor exprimir.

Foi hoje dos dias, donzella, o primeiro,  
Em que com ternura fallei-te d'amor;  
Na mente conservo gravado esse dia  
Em que de tuas graças eu fiz-me senhor.

Mas ah! que tão pouco durarão esses gosos!  
Já tudo findou-se, já tudo olvidase,  
E os laços d'amores, qu'atavão-me o peito,  
Tú mesma os fizeste, tú mesm'os quebraste.

Aquelles momentos de tantas venturas,  
De sonhos fagueiros, de louca esperanza,  
Voarão ligeiros e só me deixarão  
Cruenta saudade, penosa lembrança.

Recorda, donzella, recorda qu'è hoje  
De Julho esse Dia Vint'oitto feliz,  
E fazem dois annos qu' em esplendido baile  
D'amor e constancia mil juras te fiz.

Maranhão 28 de Julho—1861.

F. de S.

MARANHÃO Typ. do—COMMERCIO—de Augusto Vespucio  
Nunes Cascaes—rua da Madre de Deos.—1861;

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

Subscrere-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6—á 1000 reis por bimestre (ou 8 numeros.) —  
A redacção acceta e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

## LITTERATURA

### M A R I A .

— A NOVA SAPHO —

TRADIÇÃO DO MUNDO.

(Continuação de n. 21.)

#### II.

Ergo ubi concepit furias evicta dolore  
Decrevitque mori. . . .

Virg. En.

Dirão os naturaes, e os estrangeiros  
All morreo Palemo. Ai! triste historia!  
Guerdæ a não d'ali, ventos ligeiros.  
Camões. Egl.

Mas um dia. . . oh que dia funesto! . . .  
Esta historia é cruel recordar. . .  
Malfadada! morreste, ó Maria! . . .  
Oh! não sei como o possa contar! . . .

Já seus pallidos ultimos raios  
No horizonte purpureo lançava  
Sol d'outono, e atravez da floresta  
Que margina o Muim se occultava.

Eis que em baixo na volta do rio,  
Uma barca pequena assomou,  
E Maria, na pedra assentada,  
Transportada, em a vendo, ficou.

Dois remeiros robustos remavaõ,  
E a canoa corria ligeira.  
Parecendo que a taca das aguas  
Mal tocava na sua carreira.

Volteiando por entre os rochedes,  
Onde o rio espumando mugia,  
Onde em vortices a agua gyrava,  
A canoa ligeira corria,

Nella vinha um esvelto mancebo,  
Que este quadro com pasmo observando,  
Bem mostrava temer o perigo  
Que o estava em redor ameaçando.

E Maria, que, em pé, sobre a pedra,  
Ser o ingrato Mauricio pensou,  
Com seu branco lençinho acenando  
Por Mauricio tres vezes chamou.

Elle agita de lá o seu lenço,  
E ella aos saltos assena de cá,  
Impaciente, em delirio chamando:  
— „O' Mauricio! Maria aqui está!”

O mancebo responde:—“O' Senhora,  
Sois vós mesma que eu vim procurar,  
—Essa voz. . . . oh meus Deus! não é d'elle,  
Porque a u'otte é mais doce ao vibrar.—

—“Não é elle. . . .” diz ella gemendo,  
E não pode dizer nada mais:  
Recabio da amargura no abysmo,  
Na afflicção e torturas mortaes,

Já a canoa vem junto da pedra. . . .  
Já o joven sobre ella trepou.  
E Maria pasmada o contempla.  
E elle mudo, observando-a, estacou.

Mais depois que dos olhos da moça  
Triste pranto copioso correo,  
Alliviado sentindo seu peito,  
Assim ella o silencio rompeo—

—“D'onde vens, onde vais, Felisberto?  
Si me buscas, que vens me—contar?”

—“Triste novas, Sra, vos trago;  
Perdoae é mister, vol-as-dar. . . . .”

E' notorio que o moço Mauricio  
Vos raptou e mandou cá trazer.  
Prometendo de logo siguir-vos,  
Vosso esposo jurando de sor.

Vós o amais, e. . . perdoai-me, Sra.,  
Vos lhe deste'taes provas d'amor,  
Que o só nome de esposo podera  
Relevar este crime ao trahidor.

Mas. . . já ser vosso esposo não pode,  
Pois Mauricio ha dois dias. . . casou.  
Vosso Pae jaz enfermo. . . e por isso  
Vosso Tio a buscar-vos mandou.—“

A infeliz opprimida d'angustia  
Nm gemido magoado soltou,  
Como a corda d'uma harpa sonora,  
Que por tensa de mais se quebrou.

E com impeto, ergueo-se convulsa,  
Seus fronticos olhos cravando

Mancebo assustado, e d'est'arte  
Com a dextra no peito fallando.—

—“Eu, ingrata deixei a meus Pais,  
Porque amei um perjuro, um traidor, . . .  
A meus Pais, que offendi . . . filha indigná!  
Eu de vel os não tenho valor!

Minha historia funesta se caiba;  
Mais meu pejo não veja ninguém. . .  
Vai-te embora, correio sinistro,  
Vai contar minba morte também!

Vai dizer que essa misera filha,  
Que essa amante ultrajada morreo. . .  
Maldição! maldição sobre o ingrato!  
Maldição! . . . e da terra, e do Céu! . . .”

Isto dice, e de um rapido salto  
Na corrente a infeliz se arrojou,  
Felisberio, na ponte de pedra. . . .  
D'horror ebeto assombrado, gritou! . . .

(Continua.)

## FOLHETIM ORIGINAL.

### AMOR DESGRAÇADO.

(Conclusão.)

#### III.

O baile havia começado; e o mancebo tornara-se  
do qual estatua—hesitava avançar para a donzella  
e convidá-la a dançar.—

Amor e receios dominavam naquella momento sua  
alma, aquelle venço, e como tomado de firme resolu-  
ção o poeta correu aos pés da virgem— que confoza o  
acolheu com angelico sorriso.—

N'um lance as mãos se derão e o—poeta obtivera a  
graça almejada—! Fora de si, orgulho como um  
general que ganha batalha percorreu todas as salões  
do baile, e foi sentar-se n'um gabinete afastado, aonde  
impaciente entregava-se a um descuido meditar.

Estranho as alegrias da festa o mancebo esperava  
com ansiedade a contradança prometida. . .

Mas de subito ergueo-se como se uma visão lhe  
percorrerá na mente, e com voz sonora pronunciou  
o ultimo verso do soneto de *M. Monteiro*:

—Mulher celeste oh! anjo de primores!  
« Quem pode ver-te sem querer-te amar,  
« Quem pode amar-te sem morrer d'amores!

Acabava de ver passar na sala uma creatura  
angelica que conservara toda a graça da innocencia:  
a esperança fallava-lhe ao ouvido, tornava-a alegre e  
descuidoza.

Era aquella em quem o poeta, entretantos astros  
brilhantes, tinha visto a realização de seus sonhos,  
a sua luz, sua inspiração!

E a festa estava no seu esplendor, tudo era luz, e  
harmonia. A noite ia adiantada e as flores brilhava-  
so clarão que as illuminava, mas começavam a perder

o viço, e emmurebecidas dobravam-se e pediao da  
haste.

E as donzellas voltejavão no rapido volver da dança,  
e nas faces o prazer lhes accendia vivo rubor.

Pobres flores, umas e outras mal sabem o que as  
espera n'um baile, e o que lhes promette o prazer!

A flor transportada para a atmosphera enebrian-  
te dos salões, brilha mais, mas vivo menos.

Aquelle ar que não lhe he proprio, que não respi-  
rou ao seu desabrochar, murcha do calice as petalas e  
perde todo o viço!

E da donzella o destino é o mesmo.

Enfiriada nessa atmosphera abrazadora, as faces  
assomadas do rubor pelo cansaço, ja não sabem corar  
de pejo a primeira palavra do—amor!—

E o baile era esplendido! . . .

A musica acabava de annunciar aos dançantes uma  
magesosa quadrilha de—Principe Imperial—cujos  
harmoniosos sons vierão despertar o poeta, que conhe-  
cedo proxima a hora da interpretação de seu futuro,  
procurava com irrestivel inquietação aquella que o  
havia decidir.

E a donzella estava só e pensativa:—corou ao apro-  
ximado—do mancebo—que respectosamente lhe offere-  
ceo o braço, e . . . . eilos confundidos no turbilhão  
dançante.

E a felicidade do mancebo ainda não era completa;  
fria palidez lhe macerava as faces, e desesperada era a  
collisão em que então se achava! . . .

Acreditaria essa joven na pureza de seu amor? . . .  
Esse rizo que, tão doce lhe tomava a existencia, —se-  
rião fementidos? Julgaria a donzella o poeta como o  
—miseravel que lhe vem pedir a esmolla de seus af-  
fectos? . . . Olha-lo-hia como vil escravo que estendo  
as mãos para receber favores sem os quaes viveria  
na obscuridade?! . . .

O tempo vóava, o mancebo sofria; era urgente  
decidir. . .

Momentos depois via-se-os conversar, como se a  
muito reinasse entre elles grande intimidade, um  
vislumbre de esperanza brilhara na fronte de ambos, e  
o olhar apaixonado do poeta, suas expressões ardentes,  
erão animadas pelo meigo sorrir da donzella, cuja voz  
terna e sentida mais ateava n'aquelle coração de fogo,  
a chama d'um verdadeiro amor.

A virgem e o poeta aproximaram-se de uma janella,  
e este com voz sentida fallava assim:

—Vede donzella, aquella estrella que brilha alem no  
horizonte, a sua luz perde-se na escuridão sem il-  
luminar as trevas. . . . . amanhã virá o sol innundar  
de claridade o espaço, e a luz da pobre estrella ficará  
nelle confundido!

Ouvi agora: escutai as vagas harmonias que a briza  
murmura entre as folhas, d'aqui a algumas horas o  
acordar da cidade as farão perder confundindo-as no  
seu arido despertador. . .

—A minha vida é também assim.

Na escuridão della brilha hoje uma estrella a do

vosso amor,—mas um dia... talvez amanhã, tudo perde como a noite perde seus enlevos ao nascer do sol, com o despertar dos homens!.....

E o baile finalizava.

A donzella ao retirar-se lançára, por unica resposta ao mancebo, um desses olhares indefiníveis, só comprehendidos por um coração trespassado de amor.

« Não fallou, o que diria  
Mas que os olhos a vos?...  
Da instantanea sympathia  
Veio este amor logo apos:  
Não ha frazes eloquentes  
Que a taes affetos nascentes  
Possão dizer mais paixão,  
Porque uns olhos sentilantes  
Um livro são para amantes  
E lê nelle o coração!.. »

E a luz e harmonias da festa, bem depressa converterão-se em silencio e trevas!..

#### IV.

—A verdadeira ventura é sempre invejada.— diz um celebre escriptor; e insensatos são aquelles que cuzão contestar a verosimilidade deste axioma.

Tres mezes somente, haviam decorrido depois do baile e o amor do poeta augmentava dia a dia, embalado na mais doce esperanza d'um futuro risonho.

Mas corações perversos, que viciados na linguagem do mundo, desvaíraes pela hypocrizia de seus —vairvens— não poderão por muito tempo contemplar, estes dois corações unidos por um santo affecto, sem que a inveja e a intriga os dominassem.

Mal sabe a donzella que no seio da mais carinhosa amiga encontra um—algez— que por meio da lizonja, trabalha para conduzi-la ao suplicio.

E algumas dellas, cujo coração morto pelo deenganho, vivendo por reunir junto a si, uma phalange de—adoradores—, não hesitam em conduzir como victimas incautos—de suas infernaes machinações;— a donzella que por um pouco afastada do carinho materno, vai no seio da amizade receber as primeiras impressões do mundo, sem ter quem lhe proteja a candidez contra os ardis da maldade e da experiencia.

Na fé dos primeiros annos tem-se confiança em tudo, o —prazer desvaíra-as, e a mentira engana-as—. No meio desses corações pervertidos, sem saberem mesmo o que fazem, deixão as vezes escapar promessas, que só um verdadeiro amor as poderia merecer; promessas meramente alcançadas pela seducção, que não se realizando lhes fene e a esperanza por um —desengano—.

Bem depressa o coração morto por esse desengano, torna-se egoista e a alma de quem a de criança se a poderou, não p. de mais comprehender os affectos puros e verdadeiros. E o anjo d'outr'ora, não é para

logo ensô sectorio da lizonja, e inseparavel compañheiro do orgulho!...

Nada mais havia a esperar...

A virgem do baile, entrada uma vez nesse mundo contagioso—, insensada pela lizonja, havia para sempre olvidado o santo e puro amor do poeta, que fulminado pelas difficuldades que via de repente opporem-se ao seu amor, sem esperanza de a vencer, a—recordação d'aquella noite para elle de ventura—, não fazia senão augmentar-lhe o martyrio que então soffria.

Curvado pelo golpe que n'uma hora, no seio da esperanza, o viera ferir, o desgraçado desesperava do futuro e maldizendo a sua sorte, cantava assim:

—Descobriste mulher, a fatal venda,  
Com que as graças de teu rosto disfarçavas,  
Esse rizo que dos labios desprendias,  
Da perjuria orão os punhaes q' assarallavas!

Quem diria que essa voz meiga e sentida,  
Em cujas phrases—amor—eu soletrava,  
Fossem blasphemias, perfidas; e venozos  
Essos labios que a mentira só ornava! ?..

Esse todo angelical que reunias  
Ante o qual eu rendia adoração,  
Transformou-se mulher! He je o q' és?  
Insensata, cruel, algez, trahição,

Mulher, em forma d'anjo, és o demonio,  
Quizeres em inerte estatua converter-te,

Algez insensata, p'ra não mais ver-te!...

Julho—11—1861.

J. R.

## CHRONICA

—Amabilissimas leitoras do JARDIM!— « O prometido é devido, quem promete deve, e quem deve paga—Ergo, não aberrando destes principios, eis-me cumpindo a promessa que vos fiz na minha ultima, e para mais logo as renovar; eis-me no largo do Carmo desta bella cidade (á quem Deus guarde) tal qual sou, alto ou baixo, gordo ou magro, alvo ou moreno; como quizerdes, pois tendes carta branca para me julgardes segundo os dictames da vossa santa consciencia, com tanto que sempre vos deveis recordar, que —o diabo não é tão feio como se pinta.— Como vos ia dizendo, prometti dar-vos conta de bellas novidades, e como minha palavra (salvo engano) nunca falha, começo por dar-vos parte que estamos no mez de Agosto,—segredo—temos bello luar, e sobre tudo as novenas de Santa Philomena.

Andava eu—não sei se ja vos contei— então desfructando o bello luar que então fazia, quando passaram junto a mim—não mui perto—um rancho de moças, que tranquinas e buliçosas não deixavão de notar em tudo quanto vião, analysando o toilet de uma, o rochinchado bilão de outra, erileando no chapeleiro á moda que as outras moças não suas conhecidas, os-

tentavam soberbas, para inveja de suas rivas. Não sei se por amor a minha palavra, ou curiosidade feminina, as acompanhei, só posso dizer-vos é que soube de couzinhos. . . . oh ! que couzinhos !

Sem duvida a leitora curiosa como é proprio do seu amavel sexo, julgará que o meu egoismo será tamanho,—que engano!—que as deixarei em secco, enganando-se, pois estou resolvido não deixar de dar-vos conta de que d'ora em diante se passar com taes moçoilas.

Mas que diabo de massantes interrupções, dizels vós ja meia encordoadas ! ?

Ca estou vou continuar, servendo a pitada começo: Já cansado de tanta critica fominina, aborrecido de ver tanto balão—sem ser visto de alguém— ja consultava a lua, que estava no seu auge de belleza, se devia ou não retirar-me, mas é quando as mentoas pararão, e eu aproximando-me d'ellas, encoberte por um balão; ouvi o seguinte:

Até que lindou a novena, atenção ! muita ratice vamos ver agora, olhe, lá sahio o Xiq. Deus o tenha por lá, que não nos venha roubar a attenção com suas impertinentes mentiras. . . . Ah ! ah ! ah ! véde ! véde ! diz outra—aquelle velho narigudo de chinó, como se torna um damoy: mai sahio aquella favela da igreja, es lo todo requebrado, tão coquete, que parece vai a meter-se ! . . . . E porque moça aquelle ratico quebra a sua lança ! Jesus, Santo Christo ! estou quasi apostando que é alguma—tia—talvez fosse testemunha do casamento de minha avó. Aquelle chapéu assim desabado, não indica mais que sar no rosto, e olhos vésgos ! Coitada ! ( diz uma outra ) não saberá ella que o Regeiron, ali, tem excellente sabão para sardas, olha a ti-ti-a Mariquinha, tambem tinha, mas com o cujo, até as rugas desaparecerão.

Ah ! suspirou a moça não fazendo caso de reflexão da outra, os diabos me carreguem se amanhã não conhecê-la, hei-de saber quem é—, tenho um pensamento. . . .

De que ? Nada; logo mais, te contarei, mudemos de conversa: Lestes o ultimo JARDIM ? Ainda não, que tal está ? Excellente. Disem que tem uma chronica ? ( com perdao da palavra como dizia o outro. ) E' verdade;—E sabes de quem falla aquelle abelhudo de não sei o que diga ? . . .

Ja sei de tudo, outro dia encontrando-me com D. S. que é a tal amiga de quem elle falla, disse-me que era verdade, e até foi uma fortuna não ter elle ouvido o resto. Qual foi elle ? Pedio-me segredo. . . —Guardarei pois segredo. . . Declarou sua paixão ao tal primo, por occasião de passar em frente do ingrato, que fazia o mesmo.

Que loucura de moça ! Mas só eu queria era conhecer o tal chronista, com effeito deve ter uma cara de sans facon; para lá mandado ! ! Bendito louvado seja o balão que o derrubou, para não andar nimo-rando as estrelas. . . .

Vamos a eninas diz uma senhora velha que conversava com outra da mesma idade, amanhã viremos

mais cedo, e vós conversarão. Beijos e abraços seguirão tão interessante colloquio, os adeozes resoarão inda ao longe, e eu bem triste, participo-vos que vou deixar-vos.

Com suas licenças, . . . boas noites, até a vista.

### NÃO ME ACREDITAS ?

Não me acreditas, meu anjo ?

Não crês neste terno amor,

Uma instantanea scentelha

Do passageiro fulgor ?

Pois não vez, tu não reparas

Que meu peito—ascravo teu,

Se tu suspiras,—suspiro—,

Se te vê triste—gemeo ?—

Se um sorriso de alegria

Vem o teu rosto esmaltar,

—Ei-lo estremo e contente

Do sorriso aquinhoar !—

Minha alegria—ao ver-te—

Ao deixar-te,—minha dor—,

Que será senão ternura,

Que d'rá senão—amor ? !

A saudade que ao deixar-te

Mih' alma vem pungir,

A tua incredulidade,

Não vai—amor—traduzir ?

Olha que não se fingem

Tal amor, extremos taes,

E' differente a falsa angustia

Da magoa exalada em ais !

Perdo-me involuntario

Este brado de afflicção,

Devo merecer a indulgencia,

Do teu nobre coração !.

Se eu acendi nelle a chama

D'um ardente amor sem fim,

Porque não erês como eu creio ?

Porque duvidas de mim ? . .

Agosto—11—1861.

J. R.

### — ACROSTICO —

— gnea paixão d'amor o peito abrasa-me !

Demidos solto em vão; e mais me inflama

Zescia aspiração da ardente chamma,

Em que, louca a razão, tenta perder-me,

Nombando sem cessar, de quem te ama !

4 de Agosto—1861

—C—

ERRATA—ao n. 20.—Pag. 2. col. 1.—lê-se—

Salve a aurora que bella

Se ostenta entre os collinas

\* Entre nuvens purpúreas \*

Do dia que vai nascer.

Na 5. l. em vez de florida—floriada—L. 46 em vez de aterrizado—aterroizado. — Na L. 44 em vez de 1º imperio do mundo—1º imperio do novo mundo—L. 48 em vez de primogénitos—primogénitores.

MARANHÃO Typ. do—COMMERCCIO—de Auguste Vespucio Nunes Cascaes—rua da Madre deDeos.—1861.

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIÓDICO SEMANAL

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

Subscree-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6—á 1000 reis por bimestre (ou 8 numeros.)  
A redacção acceta e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

## O JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 19 DE SETEMBRO.

—Em primeiro lugar, é de rigoroso dever ao **JARDIM DAS MARANHENSES**— com muito respeito e acatamento curvar-se ante o bello sexo e todo rendido beijar essas mãosinhas tão bellas, e supplicar-lhes de-culpem a falta que involuntariamente tem commettido. E juntamente com igual respeito aos Srs. Assignantes, pede-lhes que lhe perdoe, attendendo não ser elle o culpado e sim o Edictor, a quem fortes motivos obrigarão hir ao Interior, porem hoje se acha entre nós e promete ser pontual como d'antes.

O **JARDIM** com muita attenção affiança ao bello sexo, que *choroso* andava por não saber noticias do seo deffensor que continuará ainda com mais energia a combater pelos seus direitos.

—Recommendamos aos nossos leitores a poesia que abaixo vem estampada da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, distincta litteraria Maranhense,

Do coração agradecemos á S. Exc. pela honra que dá ao nosso Jornal, collaborando-o.

### LITTERATURA

#### MARIA.

— A NOVA SAPHO. —

TRADIÇÃO DO MUNDO.

( Conclusão. )

III.

Dentro do peito geme esta alma minha  
Lastimada e doida do impio caso,  
Do successo cruel, e fim tão triste  
Que aqui guardado estava a tal belleza.  
Corte Real. Nauf. de Sepulv.

Maria, Maria! tão joven, tão linda,

Mas tão malfadada!

Tu victima ingenua do Amor, e do Engano,  
Imágrita sina te foi destinada.

Tu pobre nasceste na humilde morada  
Do pais virtuosos;

A luz de seus olhos, seu mimo tu eras;  
Seus dias cançados fazias ditosos.

Em quanto, ignorada, viveste em retiro,  
Nos lares paternos crescias donosa,  
E pura, innocente, sensivel, modesta  
Bem como no campo florziinha mimosa.

Amaste, ó Maria! que mais dizer posso?  
Que n'alma sensivel extremo é amor;  
E amor que ameniza, ombelleza a existencia,  
Mil vezes a enche de horrendo amargor.

Novo Phaon seu amante  
A' Maria abandonou;  
Nova Sapho a desgraçada  
Em desespero acabou.

Uma tradição constante  
Esta historia transmittio,  
E sobre essa mesma pedra  
Uma alta cruz se erigio.

E dizem que em certos dias  
Pouco antes de o Sol se pôr  
Ouvia-se lá gemidos  
E ais, que causavão pavor,  
Um Sitio e Casa de campo  
Ali se vêem hoje em dia,  
E a cruz inda se conserva  
Em memoria de Maria.

O' vós, corações sensiveis  
Uma lagryma votae  
A' memoria da infeliz;  
Vendo a cruz e a pedra,—orae!

Icatú—

### UM ADEUS

Um—adeus—palavra triste e saadosa que separa  
dous corações que se amão, duas almas que se com-  
prendem!

Sentença do destino inexoravel, que corta esperan-  
ças tão fagueiras, que aneia futuros tão lisongeiros.—

O longevo ancião debruçado sobre seu leito de dor  
com o corpo tranziado de gellido suor da morte, recos-  
ta a cabeça encanocida ao coração da filha, que em  
breve será orphã, e murmura soluçando um—adeus—  
profundo como a dor que o rala, e terno como a vida  
que vai gzar.

Entre elle e a filha querida da sua alma, se inter-  
põe o eterno silencio do tumulo!

Sobre o algente do sepulcro vão cair as lagrimas da saudade da triste orphã e coando-se pela campã vão humedecer o misero finado que nella descansa:—Essas lagrimas encerrão um—adeus—este adeus uma—saudade—douda como o pungir do remorso, eterno como o gemer do oceano.

Uma mãy extremosa, que sentimento não experimenta ao despedir-se de seu filho predilecto, no momento cruel em que a sorte determina a separação? Seus labios contrahidos pela dor apenas murmurão um—adeus—indefinivel e que só Deus sabe comprehender.—Todas as dores do coração humano se achão rezumidas n'essa agonia que só uma mãy pode soffrer, e que se traduz por esta palavra tão simples—adeus—Sabereis defini-la?

Não, se vossa alma ainda foi depurada no crizol dos soffrimentos, de vosso coração ainda virgem, nunca sentio uma saudade, de vossos labios nunca tocarão o calix das amarguras da vida, respeitão apenas esso—adeus—pronunciados pelos labios murchos pela dor que tambem ja forão rubros e frescos como a flor da madrugada; vós não podeis comprehende-lo, respeitai-o.

—Adeus—é a voz da saudade, o grito do desespero, o symbolo da amizade.

—Adeus—diz o moribundo ao transpor os umbraes, do tumulto, a formosa donzella ao estreitar nos braços o idolo de sua alma.

—Adeus—diz a rã no seu canto mercenario pouzando solitaria na cumiada dos tectos e arvores.

E o som funereo do bronze balançando-se no negro campanario tambem diz—adeus.—

E' o—adeus—da alma, ao seu involuero mortal.

Sotembo 16—1861.

R.

AO AMANHECER E O POR DO SOL.

Tomel a lira mimosa,  
De festões, a ingrinaldei,  
E puz-lhe cordas de ouro,  
E teos encantos, cantei.

A sombra d'uma mangueira,  
Ao nascer do grato dia,  
A hora em que a natureza,  
Toda respira alegria.

A hora do arvorecer,  
Quem não sente uma affeição?  
Quem não sente uma esperança,  
Nascer-lhe no coração?

Foi n'ess'hora, sob a copa  
Da bella, e grata mangueira,  
Que inflorei a grata lira,  
A lira doce e fagueira.

Era a canção, que eu tecia,  
Fructo de eterna saudade;  
O só praser, que me resta,  
Nesta triste soledade.

Quando um dia, um só na vida,  
Vi teu peito arfar de amor,  
Tão feliz fui que julguei,  
Achar na vida primor.

Quando vi teu meigo riso,  
Pelos labios declinar,  
N'am transporte indiqnível,  
Eu me julgava a sonhar.

Quando depois eu te ouvia:  
— « E' meo praser adorar-te,  
— « De caricias, de desvelos,  
— « Hei de meo anjo, cercarte.

Trepidava então meo peito,  
Meo coração se expandia;  
Era meigo esse momento,  
Tão cheio de poesia.

E foi-se o dia passando,  
Veio a tarde, e a tristeza:  
Murcharam as flores da lira,  
Seccaram de tibesa.

E com a tarde esvaecoo-se,  
Minha risonha esperança;  
Despontou-me amargo pranto,  
Apoz penosa lembrança.

Lancei a lira por terra,  
Já não tinha uma só flor!  
No fundo peito eu sentia,  
Extranha secreta dor.

E veio a noite, eu cahi  
Em meo penoso scismar,  
P'ra que veio uma esperança,  
Meo coração embalar?

P'ra que a lira mimosa  
Tão desvelada inflorei?!?!..  
P'ra que um nome querido  
Ebria de amor, eu cantei?!?!

Ab! esse nome querido  
Murchou-se qual debil flor!  
Esse nome é minha vida,  
Meo grato, meo terno amor.

Agora, nunca mais hei de  
Repetil-o em meo cantar,  
Quero tel-o na minh'alma,  
Quero-o no peito asillar.

Guimarães,

M. F. DOS REIS,

A virgem do baile.

Se os teus sorrisos erão sonhos  
P'ra que sorristes assim?!

Eu a vi, meu Deus, era virgem formoso  
Tão meiga e donoza d'immenso valor.  
Eu li em sus fronte tão casta tão pura  
Mega ternura que só diz—amor!

Eu vi de seus lábios brotar um sorriso,  
Oh! era um p'raizo para mim vê-la assim!  
Que por esse encanto de terna magia  
A vida eu daria por rizes sem fim.

Eu vi em suas faces tingir o rubor  
A ouvir do amor—frazo vã proferir—  
Tem puro, innocento, o ignoto a paixão  
Um fiel coração que não sabe mentir.

Seos olhos tão languidos são qual nivea estrella  
Luzindo tão bella discrepto fulgor  
Ai! forão os ólos que então me prenderão  
Em meus pulsos lançarão cadeias d'amor!

Setembro 8—1861.

J. R.

### ACABOU-SE O DINHEIRO.

Trabalhei quarenta dias,  
Deseseis mil reis ganhei:  
Não houve parente pobre,  
Todo o dinheiro gastoi.  
O dinheiro se sumiu,  
E agora amigos! fii! fii!

Quando vi tanto dinheiro  
Pensei que tinha um milhão;  
Viva a alegria! e agora!  
Nem pataca, nem tostão!  
Triste de mim! que farei!  
Que remédio lhe darei!

Um exercito de amigos  
Me depennava sem dó;  
Tiraram-me as penas todas,  
Eiquei nú e fiquei só!  
Hoje só commigo vão  
As penas do coração.

Ja não tenho mais amigos,  
Já ninguém tracta de mim!  
Deram fim as amizades  
Quando o dinheiro deu fim.  
Tens dinheiro és adorado;  
Si o não tens excommungado.

Si por meu pouco dinheiro,  
Dirigem-me adulações,  
Que seria si eu tivesse  
Em vez de vintens milhões!  
Tem um agradável cheiro  
Este querido dinheiro!

Muito vale neste mundo  
Quem muito dinheiro tem;  
Mas quem está como eu agora...  
Não vale nem um vintem!  
O rico tem alto throno,  
E o pobre é cara de mono!

S. Luiz 13 de Setembro  
de 1861.

AZEVEDO.

### Mandamentos das leis das moças.

- 1.° Amar as modas sobre todas as couzas.
- 2.° Não jurar senão em vão.
- 3.° Guardar es domingos dias santos, e uteis, por que todos são dias do santo namoro.
- 4.° Honrar pae e mai em quanto lisongoarem seos caprichos.
- 5.° Matar um pobre diabo com despresos e desdens, depois de o ter feito romper um par de solas, e entrete-lo com as mais doces esperanças.
- 6.° Guardar as cartinhas que pode pilhar das amigas.
- 7.° Furtar o tempo destinado as occupaões domesticas para emprega-lo em frivolidades, intriguinhas, murmurios etc. etc.
- 8.° Levantar falsos testemunhos ao padecentes que por vir mais tarde ao—rendez vous — é arguido de ter estado em tal parte, e passado por tal rua.
- 9.° Desejar os namorados alheios, só pela triste vaidade de se ver rodeada de adoradores.
- 10.° Cubigar o vestido da vizinha por ser o do ultimo gosto.

Estes dez mandamentos se encerraõ em dous: con-vem a saber:—Coitados dos pais e pobres das mãis.

[ Extr. 3 ]

### CHRONICA SEMANARIA

—Muito amaveis leitoras do Jardim: eu vos envio muito saudar!... Estareis sem duvida bastante arru-fadas comigo pela interrupção do vosso predilecto Jar-dim? ! Engano! quando eu tambem fui paciente na acção, eu que ja estava morrendo por dar-vos trêla, eu que ( valha a verdade ) já começava ter ferrugem na lingua! ! Mas eis que desperta hoje do seu le-thargo o Jardim, mais do que nunca bello e florido! e eu em vez de bater nos peitos e dizer-vos—mea cul-pa—vou contar vos segredos que se não fosse o bom que vos quero, o amor que vos tenho, a amizade que vos consagro, o affecio que vos delico, ficariaõ para sempre sepultado no silencio do esquecimento.

Inter amicus non habed geringonça:— eis tudo, — prosigamos:

Sem duvida adornastes com vossa amavel presença o bello e pitoresco arrebalde de Sant Iago aonde se ce-lebraraõ as novenas de Santa Severa, por isso é des-necessario contar-vos se estiveraõ ou não concorridas; o que sempre farei por causa de corjas moças ( não vô leitoras ) que não vendo nestes lugares o objecto das suas mais caras affecções, taxaõ immediatamente a festa de monotona, insipida, etc.

E ao Chronista a quem nada disto escapa, despido como é de todas estas frivolidades mundannas, como bom julgador, passa com todo o gosto a fazer um es-boço de suas observaões.

A festa de Santa Severa pouca influencia teve nos primeiros dias de novenas, attribuindo uns, a escas-saz da lua, outros a areia do caminho que impedindo o trauzido, submerge o devoto até a barriga.

No dia, porém, o pitoresco largo possuio em seu seio as mais elegantes e bellas flores que adornaõ o aromatico bouquet Maranhense!

Oh! quanto invejei nessa noite a famosa penna de Lamartine, para descrever tudo o que ha de mais bello sublime e harmonioso! Quanto desejei o precioso pincel de Miguel Angelo, para retratar a poetica scena, sobre quem actuava a natureza.

Vio-se donzellas ostentando soberbas o diadema virginal, ora sentadas sob frondezas arvoros, apresentando um quadro sublime da remota vida pastoril, ora em turbilhão rindo e folgando; mas esses rizes só dizem candura, e esses folguedos expressam—innocencia.—Oh! la?! como está poetico hoje; nada caro esto; melhor occasiã, vamos agora ao que importa:

N'uma das noites de novena guiado por um força invizivel, ponde aproximar-me sem ser visto a um circulo de moças, cujas estrepitosas gargalhadas mais augmentaraõ-me a curiosidade.

O que será? pergunto eu cá com os botões, subiria algum balaõ? Haverá por aqui alguma ratice digna da hirallidade das moças? Algum Garibaldi improvisado? Mas eis que uma moça toma a palavra, ouçamos:

Você viu, D Mariquinha, outro dia no baile aquelle pobre Piplet como estava desconfiado? Assim mesmo ainda tinha um pouco de carmim...

Carmim? perguntaraõ as moças. Sim, aquelle que na—Recreativa—lho deraõ na—*cuia dos quiabos*, lho descobriraõ, o arrebiqne das faces!!!

Ah! ah! ah! já sei diz uma das moças; minhas senhoras é o moço do soneto denominado Carmim, tambem o mesmo a quem fizeraõ este verso

Fidalgos emprovisados  
Que tingem o rosto de carmim,  
De collete espartilhados  
Pensando—*agradar*—assim.  
Se vive occioso o pimpão:  
Caza de correecãõ.

Bravos, bravos, a poeiza exclamaraõ as moças em côro, bem, vamos adiante.

Sim replicou a moça não pode haver maior desaforo ou descaramento: fallãõ de nós, protellão contra nossos uzos quando delles se servem muitas vezes para cabriam no redileulo: Apparecorãõ os nossos balões, já elles uzando calças desta moda; vieraõ os garibaldis, ei-los tambem—*garibaldinos*—e atrever-se hãõ tambem a pôr o carmim?! côr que dá uma moça na ultima necessidade, quando vê que o ezamento tarda, e o natural não agrada!! Fôra, fôra com o tolo, devemos reunir um *congresso*, e dar-lhe uma sentença; não achãõ minhas senhoras?

Approvo a lembrança da menina, diz uma Sra. vella que se achava tambem no centro (cosa infallivel) porque o homem que se pinta de carmim quando nós outras o fazemos por extrema necessidade, deve para sempre ser banido da sociedade, sentenciado ficar sen-

tado nos bailes, e ser troteado pelos—Bronzes Maranhenses—nas praças publicas da cidade.

Achamos pouco, replicaraõ as moças, em fim amanhã reuniremos congresso, e toremos D A. por advogada do réo. Nisto dissolverãõ-se e eu temendo que me vissem, e reverberassem igual sentença á mim, tratei de retirar-me lamentando o infeliz—quidam encarinada o que cabio em taes mãos.

Morpheo é commigo.... Au revoir.

—PARODIA—

Perguntava um sujeito ao medico  
A razão porque occultava  
O rosto, e tremia quando  
No Cemiterio passava.

Porque muitos d'aquelles (diz elle)  
Por minha culpa ali estáõ,  
E se chegaõ a conhecer-me  
Ai de mim!.... vingar-se-hãõ!

Setembro—1861.

J. R.

LOGOGRIFO.

Quatro syllabas encerra  
Este nome portentoso,  
Que já deo bons calafrios,  
A um monarcha pederoso.

Primeira e quarta, foi o tronco  
D'umas tribus, quando Deos,  
Fallava aos filhos de Adão,  
Como não falla hoje aos seos.

A segunda indica gosto,  
Praser, affecto, alegria,  
Quem te vendo o faz contente,  
Sente por ti sympathia.

Terceira, e quarta contem  
Em seo collo clara lympha,  
Passeia pela morada  
De formosa, e branca nimpha.

Vêde agora se decifras  
O que fics shi descripto;  
Prômetto, se o decifrades  
Que vereis o nome escripto.

Guimarães—

M. F. dos Reis.

AVISO.

—O «Jardim das Maranhenses» finaliza o seu 3.º bimestre, com o n. 24—por isso rogamos aos nossos mul dignos assignantes que hajãõ de continuar a prestar-nos as suas valiosas assignaturas, para que não desappareça do campo um defensor do sexo amavel.

MARANHÃO Typ. do — COMMERCIO — de Augusto Vespacio Nunes Coçques —rua da Madre de Deos.—1861.

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

—Subscreeve-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6 á 18000 rs. por bimestre—ou 8 numero—  
A redacção acceta e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

## \* O JARDIM DAS MARANHENSES. \*

MARANHÃO 29 DE SETEMBRO.

—Com o presente numero finaliza-se o terceiro bimestre deste jornal, que, graças á Deus e a boa vontade dos Srs. assignantes, — conta com oito mezes de existencia!

Seríamos appellidados de indifferentes, e com muita razão, se, dando esta noticia, não consignassemos aqui o nosso voto de eterna gratidão, á aquelles que, não só concorrerão com as suas assignaturas, como também nos que honrarão as paginas do JARDIM com suas produções litterarias.

A todos em geral novamente supplicamos continuem á prestar sua valiosa protecção á prol deste jornal, que em nada tem desmentido o seu programma; e cujas paginas, com d'antes, continuam á disposição d'aquelles que quizerem honral-as com seus escriptos.

Um motivo mui poderoso obriga-nos ainda á fazer esta supplica, digna por certo de ser attendida.

Existe em nosso poder, com destino á ser publicado no nosso jornal uma bellissima e interessante ROMANCE, primoroso trabalho da nossa distincta comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora publica da Villa de Guimarães; cuja publicidade, tencionamos dar principio do n. 25 em diante.

Garantimos ao publico a belleza da obra; e pedimos-lhe a sua benevola attenção. A pena da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida; e convem muito animál-a, á não desistir da empresa encetada.

Esperamos, pois, avista das razões expendidas, que as nossas supplicas sejam attendidas; affiançando que continuaremos no nosso proposito: sempre defendendo o bello e amavel sexo—quando injustamente for aggreddido.

Salus et paz.

—Em lugar competente acharão os leitores publicada uma bella Poesia do nosso distincto comprovinciano o Illm. Sr. Joze de Carvalho Estrella, já muito conhecido entre nós pela sua illustração.

Agradecendo ao Illm. Sr. Estrella o seu especial favor, que muito honra as paginas do nosso pequeno jornal, rogamos-lhe continue a honral-as com suas bellissimas produções litterarias, para o que franqueamos-lhe as principaes columnas do JARDIM.

## CHRONICA SEMANARIA.

Ora, valha-me Deus, valhão-me os amáveis e santinhas leitoras do *Jardim*, que sempre me trazem em bem creéis collizões.— Eufim, cubrao-me ellas com a egide de seus amorosos corações, fação-me confidente dos seus suspiros, *figaró* dos seus amores, o correio dos infalliveis (mas pouco usadas) castiñas, que o resto.... vá por minha conta.

Mas eis aperto, eis collisão, e bem triste: tudo geralmente tem principio; mas só eu agora é que não sei por onde começar!!

Aqui é que mais apertaão os cordois.

Bem dizia minha avó, que—vespera de muito era dia de pouco.

O incausavel Chronista por amor de vós leitoras, tanto se exforçava por descobrir segredos, e dar-vos materia para a discussão da semana; ah! já pouco ou nada pode fazer, porque foi infelizmente descoberto pelas moças que já todas o conhecem como as palmas de suas mãosinhas, porem, delle fogem como o demonio da Cruz, ou o Judeo do toucinho, como se costuma dizer.

E quem carrega com todo este peccadinho?! Leitoras, mettei a mão na vossa santa consciencia, e vereis se ella não vos diz:— Foi a vossa terrivel indiscipção!!

Poste descobri-lo, agora, em todo o cazo paciencia, resignação, pois nem por isso me zango comvosco, porque apezar da mulher — *ter parte com o demonio*, (como diz uma velha minha vizinha) não será mais subtil e astuta do que o Chronista dando cumprimento a sua palavra.

A prova disto: *ecoutez*:

Em uma das noites passadas achava-se este vosso creado repimpado como um sultão n'um dos assentos de azulêjo do passeio publico dos Remedios, onde apreciando o bello luar que então fazia, extaziava-se ao mesmo tempo ouvindo um excellente pedaço do *Rigolletto* tocado pela banda de muzica militar que ali se achava.

Todo entregue a harmonia da muzica, não havia reparado n'um grupo de moças que occupavão um assento junto ao qual se achava o Chronista *diletanti*. Só quando o echo cessou de repetir a ultima nota, é que dei fé ti-ba interessantes vizinhas!

Formalisei-me com toda attenção que me é necessaria, e puz-me a escuta-las.

Santa Barbara! ( exclama uma das circunstantes que fitava os olhos n'um rancho de mo-

gas que se aproximavão.) Que furbundo balão ali vem!! Só parece que o *guella d'ago* foi o manufacturero delle! Ah! Ah! por ah-bem se pode ajuizar que a tal sujeita é magra como um *vampyro*, e. . . . .

Como? pois aquella Sra. de 50 annos ainda uza balão??

Mamã! . . . Calle-se, ellas se aproximão . . .

Callar-me! eu? Esta não é má! quando vejo indecencias desta ordem! . . . . Eu que conto apenas 30 annos, (Deus louvado) já não uzo, nem o preciso, de mais. . .

Como mamã se eu já fiz 22? e. . .

Menina! uma mulher bem educada que segue os passos da civilisação, nunca passa dos 30, quando já enviuvou, porq' só os annos neste caso lhe podem servir de *taboa salvatoria*; e tu que não cazaste ainda, não podes passar dos—14—pois sabes que essa é a idade de. . . Nisto levantarão-se; não pude ouvir o resto. Ei-las na porta da Igreja, eis-me com ellas. Calluda! chutt!

Dá licença, minha senhora? diz uma menina da familia criticada; e sem esperar resposta vai entrando: nisto, ouve-se um grito agudo: era o neto da senhora de—30 annos que tinha sido pizado. — O que é isso *Amorzinho*: diz-me o que foi? Calla-te, e en. . . Aquella moeinha com o seu balão botou-me no chão, *aqui está*; diz o menino chorando: —Dezaforo! malvadeza! eis para o que servem taes arcos, só dignos d'um seculo de trevas em que vivemos. . .

Desculpai senhora ia dizendo nma outra *trintona*, mãy-avó da menina do balão: porem a fitar os olhos no rosto da queixoza, reconhece-a e dá um pequeno grito de alegria; no mesmo instante eis tudo confundido: abraços e beijos em profusão forão distribuidos, depois do que, entre muitas perguntas que ao mesmo tempo se fazião, ouvi o seguinte dialogo entre as duas jovens, quanto aos *truncos* deixaremos ao leitor ajuizar a sua conversa que em nada mais versava senão em *remedios, cura de cobras*, em seus *defuntos maridos & &*.

—Sabes priminha que estou confundida com o teu encontro?

—E eu o que direi?!

—Mas, quando gastastes? Para que não nos mandaste dizer?

—A oito dias, pois não lês o movimento do Porto?!

—Ah! Ah! Ah! . . . a gazeta diaria só publica essas couzas 15 dias depois. E' um meio economico: assim os conhecidos ou parentes não podem vizitarem-se; e portanto nada gastão com escalleres, hospedagem & &.

—Realmente é vantajoso para os que cá estão, quanto terrivel para as que chegão. . . Mas ha muito que este sujeito nos rodêa (diz ella no ouvido da prima; apontando para mim) haverá por aqui tambem algum — Morando, Prospero, ou outro, que amanhã publicará nossas conversas?

Agora me lembro diz a outra. Jesus! Não seja o tal Chronista do *Jardim das Maranhenses*! fujaos quanto antes, tomemos a rua.

—Sim, porem quanto antes tambem exijo

que me contes alguma couza succedida durante a minha ausencia, por exemplo: conquistas, bailes, festas, moços; & & —porem antes de tudo: ainda gostas do *Sabiá*?

Gentes! Prima, deixa de graças, pois não sabes que nós moças *d'aqui* amamos a um cento no mez?! Depois disso já gostei de uns dez e. . . .

Daveras? Volveis! . . . .

Sim, só faço é seguir rigorosamente o calculo proporcional do mathematico, quando diz: que 6 moças estão para um homem, assim como. . . .

Basta, basta, guardemos essa conversa para melhor occasião. Mamã já vai para casa é forçoso separarmos-nos.

Adeus, Adeus, até outro dia.

Mil beijos se derão e as despedidas se fizeram.

Leitoras quanto a mim: Au retour.

## CORRESPONDENCIA.

—Leitoras amabellissimas! Com quanto não goste de—rendez-vous—com tudo o dever reclama, que, com o mais profundo respeito e acatamento, vos envie as minhas sinceras saudações.

Que vos divertissem muito hontem no passeio publico dos Remedios destructando a bella musica dos Educandos—que tocava no Alpendre—é o que mais estima o —Caxorrinho das bellas—correspondente do —Jardim—e um dos mais perspicazes defensores do bello e amavel sexo.

Ei-lo novamente rabiscando para o—Jardim—e usando dos seus direitos, tão—garantidos—pela nossa Constituição do Imperio!

Sr. Edictor—Tendes sido muito e muito negligente no cumprimento de vosso dever! Já que não vos destes ao trabalho—dou-me eu!

Com o mais subido prazer annuncio as leitoras do—Jardim—que está no prelo e brevemente será espalhado, o interessantissimo—Almanak de Lembranças—do illustrado Sr. Dr. Cezar Augusto Marques—muito conhecido na republica das letras—e seja bem vindo esse precioso livrinho, onde provavelmente se encontrará alguns bem interessantes casos.

Sentimos profundamente faltarem-nos os necessarios conhecimentos, para tecer o merecido elogio ao illustrado auctor do—Almanak de Lembranças Brasileiras—.

Convidamos, porem, aos homens illustrados da provincia, á desempenhar por nós esse dever, ja que confessamos nossa fraqueza; animando, com uma critica aproveitavel ao Sr. Dr. Cezar Marques; e convidando-o a reproducção de tão interessantes trabalhos.

Seja bem vindo esse primoroso trabalho digno de estima; e vós, leitoras, guardai-o no vosso chistoso costureiro, e em horas vagas, apreciái-o devidamente.

—Não posso concordar com os membros da commissão encarregada da publicação do—

Parnaso—que, dos prêlos dos Sr. B. de Mattos, acabou de sair. Não foram justos esses Srs. Nesse livrinho figurão alguns maranhenses, e verdade; mas outros já entre nós reconhecidos foram lançados no olvido. Citaremos os Srs. Estrella, — Cascaes, — Paulo Farias e outros, vítimas do fatal esquecimento dos membros da commissão. Confessamos — não houve ordem na publicação desse trabalho.

Uma até duas poesias era muito bastante para fazer-se conhecido o seu auctor; mas vamos ali senhores, com quatro e mais poesias.

Não queremos offender a esses senhores, isto é uma leve advertencia; e como no prologo dessa obra promettem uma outra edição, es tamos certos que essas faltas serão reparadas.

—Ora bem, Sr. Editor— mais pontualidade na publicação do Jardim, para não desgostar aos Srs. assignantes.

Adeos—até d'hoje a 8 dias, que estaremos na semana que vem.—Lembranças ao. . .

Seu constante leitor

O Caxorrinho das bellas.

## TU.

E's uma estrella do céu,  
Meigo sorriso de Deus;  
E's a belleza sem véo,  
Que adoça os dias meus.

E's a rosa fresca e bella,  
A abrir-se no seu botão;  
E's a açucena singella,  
Que adorna meu coração.

E's a briza que oieia,  
Lá no verde palmeiral,  
E's a doce melodia  
D'uma voz angelical.

E's a limpida nascente  
Sob a relva a escorregar;  
E's deusa de todo o crenete  
No céu, na terra, e no mar.

Tens os encantos da aurora,  
Tens a fragancia das flores;  
E's de minha alma que chora  
O alivio de tantas dores.

Hei-de amar-te com ternura,  
Já que Deus te fez assim;  
Nem junto da sepultura  
O meu amor terá fim.

J. DE C. ESTRELLA.

## SONETO

Certo dia metti-me a namorar,  
E poeta tambem quiz logo ser;  
Um soneto a minha *ella* vou fazer,  
Pego na penna e me ponho a rabiscar.

Mas, oh! diabo! . . . Por onde começar?  
O que hei de nestes versos lhe dizer?  
Ah! já sei. . . Ao Parnaso irei bater  
Té que Apollo me venha auxilliar

“Deus da lyra, monarcha portentozo  
Vós que sois do Parnaso excelso rei,  
Inspira a um amante desditezo!”

Se o meu rogo foi ouvido, é que não sei  
Mas o esto ja o sinto luminoso  
Que vou começar. . . Oh! ja acabei!

Setembro—1861.

J. R.

## A VIDA

Innocentinha donzella,  
Eu a vi—flôr de belleza!  
Risonho esmalte do prado,  
Desvelo da natureza.

Era toda virguezinha,  
Toda misterios de amor!  
Tinha a fragancia da rosa,  
Tinha do lirio o candor

Era como a branca espuma,  
Erguida por sobre o mar,  
Como estrella da arvorada,  
Antes do sol despontar.

Como suspiros de amor,  
Que do peito, se esvaceem,  
Que n'uns labios de rubim,  
Docemente se esmorecem.

Tinha ledices, encantos,  
Tinha mimoso folgar,  
Como a lèda borboleta,  
Como abelha, a suçurrar.

Mas depois, passou-se um dia,  
Eu a vi morbida e triste,  
Depois um dia, e mais outro,  
A bella ja não existe!

Coitada! que sorte imiga,  
Roubou-lhe tanto fulgor?  
Foi um delirio. . . Loucura!  
Foi um beijo de amor.

Eis como a vida se passa,  
Após o riso, a tristura,  
Após a vida, o dormir  
No seio da sepultura.

Guimaraes.

M. F. dos Reis.

## Para ser cantada.

Gosto della  
Porque é bella!  
E' Leopoldina  
Mui linda e bella!  
Por isso mesmo  
Sou todo della,

Tentei amal-a;  
Fiz-lhe patente;  
Mas regeitou-me  
Sinceramente.

Amei...amei...  
Mui fielmente  
A Leopoldina  
Occultamente!

Pelo amante  
Dessa donzella  
Fui hontem preso  
Por ordem della!

Embora preso  
E algemado,  
Não me arrependo  
De tel-a amado.

De Leopoldina  
Um terno olhar,  
E' mui bastante  
P'ra me matar.

E' Leopoldina  
A flôr mais bella,  
Por isso quero  
Morrer por ella!

Setembro 27—1861.

A. R.

### A Pedido.

Pedio-me um sugeito—versos  
P'ra dirigir ao seu bem;  
Não sou vate, mas la vai,  
Cada um dá o que tempo.

Marilia não sejas tóla  
Nem gavola  
Dia algum de ti gostei?  
Como é que vás contar  
Affiançar!  
Que sempre te namorei?!

Foste dizer a priminha  
Coitadina,  
Que cahio em acreditar  
Que uma jura eu proferira  
Que mentira!!  
De a ti só no mundo amar!

Viste-me um dia passar  
A passear,  
Como o chapéo te tirei  
Para logo acreditaste  
Até juraste,  
Que terno amor te declarei.

Não continues com essas graças  
São chalaças,  
Que dellas não gosto não;  
Procura gente de côco  
(Olha o Tinôco!  
Que possa offrecerte a mão!

Se acaso continuardes  
E teimardes,  
A jurat que te amei;  
Então podeis ficar certa  
Minha *esperta*:  
De louca te chamarei.

Setembro—1861.

J. R.

### —CHARADAS—

Se queres saber a historia.  
Pega no livro—E depois? 1  
Relativo, e conjunção  
Dirrô todos que vós sois. 1

Traste mimoso, e gentil,  
A qu'as bellas valor daõ,  
Quando importunos lhes fallaõ  
Acham n'elle distraçãõ.

Guimarães.

M. F. dos Reis.

Se comigo se ajuntar  
Ata, em segundo lugar,  
Ter-se-ha nome do que  
No mar anda a roubar. 1

Se ao filho o pae quizer  
Bom e humilde o chamar,  
De mim se hade servir  
P'ra os termos animar. 1

### CONCEITO.

De Pedro, dizem, me derivo  
A seus filhos só era dado;  
Hoje, porem, muitos outros  
Teem-se comigo appellidado.

Custoso de se me achar,  
Não será certamente,  
Visto que por cá estou,  
Em lugar mui saliente. Serpi.

Decifração do Logogripho do n. passado 6  
—Garibaldi.

### Aviso.

Com este n. finalisa-se o 3.  
bimestre deste pequeno jornal,  
e rogamos aos Srs. assignantes,  
a continuarem a coadjuvar-nos  
com as suas valiosas assignatu-  
ras.

Maranhão—Typ.—Conservadora—

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

—Subscreeve-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6 á 18000 rs. por bimestre—ou 8 numeros—  
A redacção accetta e publica todo o qualquer artigo, com tanto que seja concebido em terminos decentes.

## LITTERATURA.

### A Rainha do baile.

Que mimo! que roza!  
Que filha de Deus!...  
A. Azevedo.

I.

Eu amo o baile porque no ruido tumultuoso de suas salas, divizo a imagem desta vasta comedia mundana, onde—risos e lagrimas—esperança e desespero—seducção e orgulho—reinão confundidos nesse immenso turbilhão, sob a capa do prazer.

II.

Conheceste mancebos a virgem do baile? Vistes o sorriso entr'aberto de seus labios? A roza em botão não seria d'um encarnado mais bello, deliciosamente mais fresco!

—Intimo fulgor derramava dos fascinadores olhos, que ora languidos em profundo scismar, ora lançando scintillas de amor e viveza brilhavam como no horizonte brilha a estrella do pastor ao arrebol do dia.

—Docil, meiga e affavel, ignota a vaidade e presumpção, meigo sorrir lhe deslizava mansamente sobre a rosa vermelha das faces, donde se desprendião nufificas notas da mais arrebatadora e angelica candidez.

—Revellava um composto de candura e perfeição. Gingia-lhe a fronte a santa auréola da virgindade:

## Gupeva.

ROMANCE BASILIENSE.

I.

Era uma bella tarde de agosto; e o Sol, que declinava ja no occidente, mandava seus doces, e melancolicos adeoses, a pacificas aguas da Bahia de Todos os Santos; e esses raios amortecidos d'um sol, que meigamente se despedia a nossa vista, brincavam nas enxarcias d'um navio, ahí ancorado; e beijavam o cume dos palmares, e os areiaes da praia. Eu amo a belleza da tarde, como a um suspiro, que repassado de amor, e de saudade, destacando-se do coração d'uma donzella, foge vagaroso, tímido, e melancolico.

Era pois uma bella tarde, dessas que inspiram poesia, dessas que obrigam o homem, a um doceissimo scismar; porque parece-lhe por toda a parte escutar os sons longiquos d'uma harpa. Esses misti-

cos sons, que escutam no cahir da tarde, devem ser a voz dos anjos, que derramada das alturas, vem quasi sumida; mas melodiosa, e doce afagar nossos ouvidos, e serenar nosso dorido e accuzado, soffrer.

—Engolphada no prazer da dança, seu divino corpo mais ligeiro e leve do que uma sylphide, parecia no redor da walsa o vaporoso e divinal reflexo, d'um habitante dessa etherea mansão, voando aos pés do Creador.

—Sua voz argentina mais doce e harmoniosa que o canticos dos Anjos, abrandaria por mais enpedradas que fossem as fibras do coração do sceptico, e torna-lo-hia para logo captivo de tão infidos atractivos.

—Oh, quizera ao menos ter uma lyra, onde em louradas cordas decantasse a imagem dessa ephemera e graciosa visão.---

—Mas, as cordas não resistem as intimas emoções da alma, quando o vate não encontra na terra imagens para uma comparação?

—Quizera ao menos que essa noite, de baile durasse por seculos, mais tarde findando, porque contemplando a—rainha delle—infundio-se em minha alma o mais venerando culto e verdadeira adoração, que para sempre será a bussola de minha tão anhelada ventura!

Setembro 28—1861.

J. R.

## CHRONICA SEMANARIA.

—Bravos, bravos, ahí temos o—JARDIM—sempre bello e infallivel! (Dirão as amaveis

cos sons, que escutam no cahir da tarde, devem ser a voz dos anjos, que derramada das alturas, vem quasi sumida; mas melodiosa, e doce afagar nossos ouvidos, e serenar nosso dorido e accuzado, soffrer.

O navio, que vemos ancorado n'ossa bella Bahia, a hora solemne do crepusculo, era o Infante de Portugal, vaso de guerra que ahí havia trasido Francisco Pereira Coutinho, donatario d'aquella Capitania, depois que a celebre Paraguassu, Princesa do Brasil, cedera seus direitos em favor da coroa de Portugal. O Infante, acabava de receber as ultimas ordens de Coutinho, e velejava no dia seguinte em demanda do Tejo.

Recostado ao castello de proa, com os olhos fitos em terra, como que devorava por um frenetico desejo, desenhava-se a forma esbelta, e juvenil de um bello mancebo, cujo uniforme de marinha, fazia sobresahir, com os finos traços de suas feições aristocratas, a brancura d'uma pelle levemente crestada pela ardencia do sol. E o mancebo, com os olhos fitos em terra, parecia meditar profundamente; por que em seus grandes olhos negros transparecia todo o desazoçoço d'um coração, que deceja, e que não

leitoras lançando sobre elle suas arrebatadoras vistas). Trará Chronica? E' o que importa.

E porque não? lhe respondo eu: ei-la, podeis apreciar-la quando vos aprouver, contando que me permittaes ser hoje um pouco prolixo, e despido de todo qualquer prelude, ainda que muitos affirmem ser elle o *sine quod* da narração.

Commençons donc! ---- Ah! perdão, esquecia-me enviar-vos as minhas mais sympathicas saudações, pela benevola attenção que tendes prestado ao Chronista sempre incansavel á descobrir-vos mysteriosos arcanos.

Porem vejo que vós tão bellas quão modestas, pezo algum daes aos meus sinceros emboras, instigadas somente pela curiosidade de saber a—*ordem dos tempos*! —

Monotonia! insipidez! é o brado estrugidor que incessantemente atordo-me os ouvidos; é o assumpto de conversação na reunião de familia, é finalmente a *ordem dos tempos* deste nosso S. Luiz!

E mais caliginoso seria o véo que envolve a fagueira e verdejante ilha do author das—Folhas Soltas—se não fossem as bellas partidas mensaes do—Club e Recreativa— aonde por um pouco tornamo-nos surdos a esse echo estridente que com desagradavel effeito resoa em nossos ouvidos.

Quizera possuir a penna de *Courrier*, o lapis de *Garani*, para, descrevendo alguns desses infindos e arrebatadores quadros que se nos apresenta a natureza, offerecer-vos um meio de distracção.

Mas, apenas esboçarei algumas interessantes e verdadeiras scenas decorridas na ultima partida da—Recreativa—pelo que em *primo loco* haveis de acceder que por um pouco trate da minha incognita pessoa, quando é ella neste caso *sujeito* na acção, e assaz necessaria para dar força as que passo a narrar-vos:

—Davão 8 horas da noite no relógio da municipalidade, quando por um indefinível ins-

pode. Mas, não era a resignação que elle cedia, era a uma especie de desesperação; e se elle meditava, era o como seus desejos tão ardentes, e quasi tão impossiveis se haviam realisar. Essa ideia, essa unica ideia o preocupava tanto, que o mancebo mostrava-se indifferente a tudo que o cercava, até a belleza do horizonte, n'essa hora cingido por uma faxa larga, e avermelhada. Essa faxa sanguinea nos horizontes, parecia ameaçar sinistra tempestade. Seria acaso verdade? O mancebo official, nem isso reparou.

E o sol de todo amortecia nos orlas avermelhadas do horizonte, e o coração do moço mais se assanhava, e confrangia; mais elle debatia se n'uma dolorosa ansiedade. Seus olhos ardentes pareciam querer divisar através dessas matas, ainda quasi virgens, um objecto qualquer que o interessava. Sem duvida n'esse lugar outr'ora solitario, onde hoje se eleva a bella cidade de S. Salvador, devia haver alguma cousa, algum ente extremamente amado, que attrahia para si, todos os pensamentos, todas as faculdades, parece que toda a alma do mancebo europeu.

Que tens, meu querido Gastão? — perguntou-lhe um outro joven official, tocando-lhe amiga-

mente determinei ir ao baile (tambem para fallar-vos pura verdade materia alguma havia para a Chronica, o que summamente me compromettia).

O espirito de curiosidade, e a fiel observancia de minha palavra tambem me forão optimos conselheiros.

Emfim, enfi-me na velha *paparahuba* e, dentro em pouco achei-me nos salões.

Contemplando os vai vens daquelle immenso turbilhão, não deixei de concordar com *Balsac*, quando diz que — um salão de baile não passa d'uma scena desta grande comedia mundana, onde cada qual representa o seu papel.

Tal qual he.

Com o auxilio de minha luneta, recostado ao umbral d'uma sala, admirava os *dilletanti* da dança que percorrendo de dama em dama, tiravão pares para *vigesimas setimas* contradanças, quando (se não me falha a memoria) não se havia dançado a primeira!

Não me havia decidido a dançar, e vendo aquillo mais irresoluto e temerato fiquei: preferia antes ficar nas minhas observações do que levar um —já tenho para todas— pela caza ou allias carregando com uma boa duzia de *taboças*, como as que mau grado meu, aqui as *espicharia*, se não attendesse serem ellas leitoras do JARDIM.----

Rompe o baile, e os harmoniosos sons da musica me vierão fazer um certo que n'alma, que firme e resolute, saio em campo, e acho-me ante uma formosa virgem cujo olhar seductor infundio-me tal culto e veneração que torno-me por um pouco balbuciante, sentindo a alma em completa agitação.

Oh! nunca os habitantes do Edem gozarão da mais felicidade e delicias, como a que senti ouvindo um angelico—*sim*—dos labios da virgem á quem eu impetrava uma contradança!

Leitoras, conheço que bastante enfadadas já estaes com estas massantes descripções, culpai porem a minha penna por ter tanto escrip-

velmente no hombro — “ Ainda pensas n'ella? ”

O moço interpellado, estremeceo ligeiramente como quem desperta d'um profundo somno, e voltando-se para o seo interlocutor, com um sorriso amargo, disse-lhe:

Sim; e agora mais que nunca. Oh! Alberto — “ conuuiu — homem eu a vi, quiz dizer-lhe que hia deixal-a, que voltava a europa, e não pude. Não tive forças para tanto. E ella! ella, a misera, como se alguma cousa lhe presagiasse o coração, deixou cabir na relva, suas ardentes lagrimas, e na voz d'um soluço que se lhe destacou do peito, perguntou-me:

Gastão, quando voltareis aqui? ”

Julguei que ella tinha adivinhado o momento da partida; mas tudo ignorava. Enxuguei-lhe as lagrimas, promettendo-lhe que hoje voltaria, mas.... Alberto, amanhã aos faremos a vella, e eu não a tornarei a ver!

E a tua promessa? — perguntou Alberto.

Sahiremos amanhã — tornou o moço apaixonado, e hoje bem sabes, passo a noite de quarto.

( Continúa. )

to e nada dito, porque eu vou tratar de ir pouco mais adiante.

Findava-se uma contradança, e os pares apartando-se das sallas tomavão diversas direcções.

O caso me fez seguir um delles, pela vivacidade de suas expressões foi-me facil conhecer que ali andava trica amorosa:

Minha Sra., dizia o cavalheiro, culpa alguma tenho disso, porque nunca fiz á ella declaração do meu amor, apenas lhe faço um simples—*rendez vous*—de salão, porque é moça, e não devo trata-la mal!

Eu o sei verdadeiramente, ( replicou a dama com ironia ) se só houvesse esse simples *rendez-vous*, não havia ella dizer-lhe o que disse em minha presença taxando-o até de ingrato, quando parece-me que somente eu tinha direito de dar-lhe este nome, o que não o fiz quando o vi dar flores á R. . . . no mesmo instante em que acabava de declarar-me o seu amor, e . . .

Por amor de seu sexo! D. \*, não me imponha assim de voluvel, acredite ainda uma vez, que aqui e em toda a parte somente a vejo como a essencia da minha vida, o objecto de meus sonhos!

—Deveras? exclamou a moça com vivo entusiasmo; pois bem façamos as pazes, e em paga de tantas arguições dar-lhe-hei mais duas contradanças ---- Deixe-me no *toilet*, até já.

Mal havia la coordenado as minhas idéas pelo que acabava de ouvir, quando sahirão do *toilet* duas interessantes meninas, uma das quaes mostrava uma especie de bilhete que dizia ter ali encontrado. Eu que ando a cata destas cousinhas tratei de empregar toda a sorte de estratagemas para conquista-lo, o que com effeito obtive.

Mas, ah! *carão!* tres vezes *carão!* fui perdidamente illudido ( e isto cá para nós ) por causa daquelle papel em branco, o vosso Chronista sentenciou as taes meninas a passarem o presente mez a *ração* de um só namorado, para que não tenham vontade de zombarem delle segunda vez.

Por hoje é *quantum satis*.

## Não poder!

### Parodia.

Não ser eu! não ser a abelha,  
Que libe o mel dos teus beijos.  
Que abrasado em mil desejos  
Te escute a voz a tremer;

( Pedro Calasans. )

Não poder, mulher formosa,  
Transformar-me nessa rosa  
Que adorna os cabellos teus;  
Então seria ditoso,  
Não quereria outro gozo,  
Nem mesmo junto de Deus!

Não poder ser essas flores,  
Vivos emblemas de amores,  
Que trazes na nivea mão;  
Seria então bafejado  
Por tí, ó anjo adorado,  
Com transporte de paixão!

Não poder ser eu a fita  
Que o rodár da walsa agita,  
De tua airosa cintura;  
Ou o pár que delirante,  
No peito de amor constante,  
Te apertasse com ternura!

Não poder ser eu a brisa,  
Que nos ares se deslisa,  
Com muribundo gemer ----  
Poderia aos teus ouvidos  
Soltar os ais, os gemidos,  
Do meu amargo soffrer.

Não poder eu noite e dia,  
Triumphante de alegria,  
Viver constante a teu lado;  
Seres tu a minha estrella,  
Scintillante, pura e bella,  
N'um rico céu pratiado.

Não poder, anjo innocente,  
Ser eu só o confidente,  
Do teu virgem coração;  
Não poder abrir meu peito,  
Para mostrar-te o effeito  
Dos ardores de um vulcão!

Não poder, quando pensares,  
Quando meiga suspirares,  
Sozinha na soledade;  
A teus pez então prostar-me,  
Em ágro pranto banhar-me,  
Implorando a tua piedade.

Não poder dizer-te-a sorte  
Não tem um poder tão forte,  
Que eu não possa suplentar!  
Vem Donsella, vem commigo,  
Procurar-mos um abrigo  
Onde eu só possa te amar..

Não poder, não ter o dom,  
De transformar-me n'um som,  
De uma lyra apaixonada;  
Para nas azas do vento  
Ser levado n'um momento,  
Junto ati mulher e fada!

Não poder, neste momento,  
Possuir o firmamento  
Do mundo ser o senhor!  
Sem pena tudo daria,  
Se gozar podesse um dia  
Os teus carinhos de amor!

Não poder! cruel lembança!  
Palavras sem esperanza  
Que me traspasso sem dó!..  
Sou um tiste condemnado,

A ser inflex desgraçado,  
A viver no mundo só !..

Vai pois, Donsella formosa  
Foge do mim, Como a rosa  
Fugir deve do furacão !  
Vaf ser d'outro ! —q'eu errante,  
Qual perdido caminhante,  
Hriçi viver na soidão !..

Setembro 29—1861.

Castro Queirós.

—o—  
**O AMOR.**

Enorme serpe terrível  
E' o amor,  
Quando n'um peito sensível  
Vasa a dor!

E' lança aguda e luzente,  
E' punhal,  
Que nos fêre cruelmente,  
Que é fatal!

O amor é tormento eterno,  
E' volcão;  
E' facho ardente do inferno,  
E' traição!

Amargo veneno, lento  
Em matar,  
E' vil tyranno, cruento,  
A reinar!

Mas quando é nobre e é santo,  
A sorrir,  
E' joia de mágo encanto,  
A luzir!

Então é nectar gostoso  
No sabor;  
E' do peito o sol formoso  
Este amor!

E' da existencia a ventura,  
E o matiz,  
Que torna a humana creatura  
Mui feliz!

Se o fado me não tratasse  
Com rigor,  
Quem me déra que eu gozasse  
Este amor!

J. DE C. ESTRELLA.

—o—  
**Não me acreditas!**

( A PEDIDO )

Não me acreditas !.. acaso  
Ha quem mais te possa amar ?..  
Quem te renda mais extremos,  
Quem saiba mais te adorar !?..

Acaso amor mais constante,  
Acaso paixão mais fida,

Mais melindrosos affectos  
Prendeo-te, de amor—a vida ?..

Asaso viste a teo lado  
Gosar alguém mais ventura --?  
Acaso ternas caricias,  
Cobrade de mais ternura ?..

Não comprehendes quanto doo  
Essa duvida cruel !..  
E' gota, a gota exprimida  
No peito,—de dôr, e fel.

Não me acreditas ... entanto  
Ninguem mais fiel te amou,  
Ninguem te rende mais cultos,  
Ninguem melhor te adorou.

Sinto em amar-te praser;  
Porqu' o duvidas ?—cruel !..  
Ha quem mais vele teos dias,  
Quem mais te seja fiel ?..

Não me acreditas ? procura  
Mais fido, mais terno amor,  
Mais duplicados extremos,  
Desvelos de mais primor.

Mas embalde... Oh eu te juro,  
Só eu te sei adorar!  
Mais doce amor, e mais terno;  
Jamais na vida has de achar.  
Guimarães. M. F. do Reis.

—o—  
**Um Brado do Coração.**

Pelo mundo indef,rente, eu vago incerto  
Sem noite, porvir, sem uma esperança,  
Minh'alma inflammada em mil affectos  
Busca em vão, um santelmo de bonança.

Ao fabuloso dô, pungente escarneo  
De gente que o soffrer não comprehende;  
Orgulhosa em tarpir prefere o encerro  
Do mizero peito que ao sepulchro tende!

Sensô fôras meu anjo, ( oh Deus que inferno )  
Que destino fatal, horrido futuro,  
Ao longe vejo-te com os olhos d'alma  
E nella impressa tem teu rosto puro.

Tu casta virgem, enlevo das almas  
Que minha existencia recuzas dourar  
Es meu talisman, meus puros affectos  
O unico thesouro que aspiro gozar.

Ai não recuzes que contemple, virgem  
A meiga candura de teu rosto pulchro,  
Que minh'alma triste de tauto pungir.  
Sem equilibrio cahirá no sepulcho.  
30 de Setembro—1861. J. R.

Decifração da charada do n. passado é —  
Pires.

Rogamos aos nossos assignantes, que por descui-  
do do entregador deixarem de receber pontualmente  
este jornal, hajão de reclamar na typographia Ma-  
ranhense, rua Formosa—e na mesma recebem-se as-  
signaturas.

Maranhão—Typ.—Conservadora—

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANAL.

*Litterario, Moral, Critico e Recreativo.*

Subscryva-se nesta Typ a 1\$000 por bimestre—ou 8 ns—A redacção aceita e publica todo e qual quer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes

## LITTERATURA.

### Meditação.

O mar estava tranquillo, e espreguicava-se por sobre os areiaes de prata da praia solitaria, como uma criança adormecida no seo leito. Eu o via assim calmo, e comparava-o com o que me lia pelo intimo da alma, e pedia a Deos, que amodorrasse minhas dores no meo peito, como tinha amodorrado o mar na sua morada.

Mas, minhas dores proseguiam fundas, surdas, e sem uma esperanza de lenitivo. E a lua subia o cume dos céos, e prateava a superficie das aguas; mas, era triste e meditabunda, pallida, e desconsolada como minha alma. Ella é como a donzella, e como o poeta, que a desesperança seccou a seiva da existencia. . . .

Desesperança!!! Acaso não serás tu um crime para aquelle a quem o martyr do Calvario resgatou com seu sangue? . . . Porque pois homem, que confessas a existencia do filho de Deos, asilas em teu coração a desesperança? . . .

Meo Deos! o homem é tão debil, é tão pó, que a força de muito soffrer, de muitas espe-

## GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

por

M. F. dos Reis.

(Continuado do n.º 26.)

I

Pode ser que assim seja,—tornou-lhe Alberto—Os portuguezes tambem sabem amar; com quanto esse sentimento, só nos francezes, seja um dom natural tu o disseste: mais inda assim eu t'ò repito: E' uma loucura a tua paixam.

Loucura!!! . . . Alberto, tu não a conheces. Loucura,—«tornou este—» loucura. Gastão, esquece essa mulher, que é como uma nuvem negra, que vem toldar os horisontes de tua vida, aliás tão risonha. Esquece-a Gastão, em nome de teus paes, de quem és o unico filho, em nome de tua brilhante carreira

ranças illudidas, cabe máo grado seo n'esse morbido torpor, n'essa apathia dolorosa, a que chamamos:—

Desesperança! . . .

E o mar lambia mançamente as prateadas areias da praia, e a lua proseguia em sua nocturna devagação, e eu dizia:

Meo Deos que é pois hoje a minha vida? Arida, e pedregosa estrada—deserto ardente, onde não se descobre a fronte risonha d'um amigo; ou a mão esqualida, e fria do anjo do exterminio que aperte esta mão requiecinada pelo ardor do sol no zínith.

Eis a minha vida: completa solidão, onde um passaro, não desprende melodiosos sons, onde uma flor não brilha derramando aromas, onde uma fonte, não murmura melindrosas queixas: é uma sepultura, enfim, onde não despontão flores.

Meo Deo a desesperança estava em minh'alma, e se a vossa misericordia não fosse illimitada, eu não poderia obter o perdão; por que todo o homem deve esperar em vós, e eu me tinha esquecido deseer salutar dever.

A lua era então perpendicular sobre minha cabeça; o mar gemeo como se lhe ouvessem pesado o dorso, e uma onda de vento

na marinha, em nome do amigo, q' te implora. A antiga nobresa de teus antepassados, o orgulho do teu sangue, não se revoltam contra essa paixam insensata? Primeiro tenente de marinha, hoje, ou amanhã serás um grande capitam: preferes o amor de uma selvagem as grandesas que te esperam? . . .

Alberto, não me falles assim; o meu porvir é ella.

Ella!.. E que pretendes fazer dessa mulher?

Amal-a. . . amal-a louca, e cegamente.

E depois? . . .

Viver, ou morrer com ella.

Isso é romancismo Gastão, acredita-me, é o clima ardente do Brasil, que te inspira semilhantes ideias, e logo que deixes de respirar estes ares, que deixes de intimar as vistas por estas arvores seculares, que inspiram melancholia, logo que deixes estas praías, onde o mar se quebra murmurando queixas, que encontram echo em teu coração, esqueceras, e

agitou os arcaes da praia. Uma viragem benéfica murmurou nos leques dos palmares, e esse rugir poetico da solidão trouxe a minha alma esquecida então até de si propria, uma melancolica, mas doce recordação.

Oh! eu amei o gemido do mar, a onda de vento passageira, e o ruido dos palmares, que despertaram-me essa ditosa recordação.

O presente pesa-me como um fardo enorme — o futuro envolve-se-me em denso veu de escuridão; porque desdenharei o passado? Ha n'elle uma recordação, uma só; mas essa é a minha vida; n'ella concentra-se, resume-se tudo quanto de melhor tenho gosado; tudo quanto me resta inda a gosar na terra.

Oh! Deos de suprema, e infinda bondade, quando devicis fulminar-me com os vossos raios, mandaste ao mar que gemesse, o vento que ondulasse em torno de mim, e as palmeiras que remuarejassem.

Ao ruido poetico dos palmares despertou-se uma doce recordação, e a porção que meo coração deleitava-se em afagalar, minha alma, reconhecida a seo Deos, começava a conceber uma nova esperança.

Como que um hymno de amor, e de reconhecimento, entoaram o mar, o vento, e os palmares; e eu dobrei os joelhos, juntei a voz da natureza, a voz da minha alma. Eu já tinha uma esperança; e por isso bendizia a Deos do fundo do meo coração.

Guimarães=1861.

M. F. DOS REIS.

#### Chronica Semanaria.

Presadissimas leitoraes; passaria sem duvida a vossos olhos, a quem nada escapão, como incivil, ou inimigo do sexo, começando hoje te envergonharás mesmo deste instante de fraquesa.

Envergonhar-me, eu? Alberto, tu te enganas. Teus paes, Gastão, não hão de amaldiçoar o teu amor? não te hão de expulsar do seu seio?

E que me importa isso? Faltarà acaso no mundo, um lugar ignorado, onde eu, e ella, nós dous somente longe dessa sociedade, que nos não comprehende, entregues aos doces effluvios d'um amor sempre novo, sempre crescente, e apaixonado, possamos viver essa vida de bemaventurança, que Deos tam raramente concede ao homem cá na terra!.

Alma cega, e apaixonada! — « exclamou tristemente o joven portuguez — » supunha-te mais sensato.

Queres tu fazer-me um favor? — « interrogou Gastão, sem responder a exclamaçam de seu joven amigo.

Pois não — « redarguiu Alberto. — » Farei

dar-vos até a de costume, sem significar-vos os meus sinceros votos de adhesão e sympathia. Mas, não seja essa a razão para ficar-mos mal, — recbei-o —.

Agora que tenho a consciencia tranquilla, se vos aprás, com o devido acatamento, vou dar principio a narração da—*vista d'olhos*— que dei pela semana, e mais algumas interessantes cousinhas que, inda fora della, devem comtudo serem classificadas como parte da *ordem dos tempos*, e não mettidas como por falta de materia, ou *quebra* como vulgarmente se costuma dizer.

Basta pois de preambulos: A' Santa Anninha! Sim vamos a Santa Anninha, diz meu pensamento que por lá passeia, temos materia e obra prima!

Oh! que lugar aprasivel e pittoresco!

Quanto é doce o meditar sentado naquelles banhos sob frondosas arvores! A vessa imagem leitoras, os vossos balões, tudo se nos representa alli como graciosas visões!

O' lá! faça alto Sr. chronista, deixemos de poesia, vamos dar um passeio por toda a pequena aléa, e observemos alguma couza.

A muzica toca uma excellente peça, varios grupos de moças passeião, e o pequeno largo está repleto de cadeiras.

Vivo praser parece reinar na alma de todas as moças (tambem zangadas não fossem lá), que alegres, folgando e rindo a custa de alguma *ratice* q' se lhes apparecia, como tambem pelas *asneiras* de algum *cabrion*, que teimoso em acompanha-las força ser *gaiato*, para por esse meio grangear plena intimidade.

Outro que por *obra de misericordia*, ou porque a moça cansada de estar sentada cedeo ás suas instancias e deo-lhe o braço, ja se julga um conquistador de *mão cheia*, vai pelo

todo o que quizeres, menos loucuras, como as tuas.

Pois bem — « lhe tornou o amigo — Alberto, estou, mais calmo, mais rasoavel, farei tudo o que quizeres; mas com a condiçam de que hirei hoje pela derradeira vez ver Epica, diserth eum adeos, q' será o derradeiro; porque nunca mais voltarei a este paiz ainda que para isso seja preciso cortar a minha carreira. Mas, ella hoje espera-me, eu lh'o prometti... Eia, um ultimo favor.

Comprehendo-te — « disse Alberto — » cada vez mais louco! Gastão, assim é que se foge a mulher que se quer esquecer? . . .

E não a deixarei amanhã para sempre?

Mas hoje? . . .

Hoje quero somente vel-a.

Entraria de quarto em teu lugar — « tornou Alberto — toda a vez que o quizeres, mas Gastão, coadjuvar uma loucura. . . .

(Continúa.)

caminho puchando a aba da casaca dos amigos, dando empurrões nos desconhecidos, para que todos vejam a sua *prêza!* Depois de largo estudo começa por comparar a pobre moça que não lhe presta attenção, com Venus de Medicis, chama-a  *rival dos Numes*, e depois de muito te-la elevado a belleza, diz-lhe que não deveria existir na terra, mas sim no *Averno*, ou ser esposa de *Vulcano*, para que seja completa a sua *Divindade!*

A moça com *indegestão* de tanta parvoice senta-se, e o nosso tolo vai gabar-se da *retorica* que empregou para com a sua *Dulceina*.

Ve-se ainda mais outros nestes logares, que n'um circulo de moças não podendo sustentar a rentida conversação que ali reina, começa por recitar poesias alheias, que dizem ser suas publicadas em tal e tal jornal &c.

E o que será tudo isto?! . . .

Olhemos agora um pouco para as moças, sigamos aquelle grupo que se dirige a Igreja.

Chegadas ao templo, ajoelham-se, olham para a armação d'elle, para os que la estão, e finalmente a vista não escapa quem entra. Logo depois sentam-se, dão duas *abnadedellas* de leque (se os trarem), e está feita a oração. Levantam-se e sahem, porem ao chegar a porta uma começa a criticar da outra porque não tirou os olhos de seu P. Esta zangada por semelhante arguição descobre outro tanto das outras companheiras e no fim da *historia* collige-se que nenhuma rezou se quer um *Plúre Nosso!*

— Bem Sr. chronista, a critica chegou ao seu auge, será bom mudar-mos de assumpto.

O que haverá mais a dizer?

Tratemos um pouco da moda; apesar de tudo neste ramo ser *velho*, sempre devemos dizer que durante a festividade apparecerão vestidos de lindos gostos, sendo os brancos porem em maior numero.

Na vespera e dia, subirão ao ar dous bem acabados baldes (não confundão com as saias de roda) principalmente a do dia que até deitava lagrimas, talvez com *saudades* da festa. E quantas de vós leitoras não fiserão o mesmo vendo aquelle annuncio final!?

Mas, como ja ouvi dizer que, lagrima de moço é o mesmo do que «agua em cesto,» e talvez não possa contestar a veracidade deste axioma, atrevo-me a dizer que essa pesarosa saudade fosse alliviada pela Mãe Santissima das Dores, em cuja festa e procissão celebrada hontem com a pompa do estylo, podestes quando menos receber os *devidos* do objecto suspirado. . . . . e deixo de massar-vos.

Até para a semana se formos vivos.

#### A nossa existencia.

(Ao meu amigo e collega R. P. dos Santos Lemos.)

Não vês em fresca manha,  
Como fragante e louca,  
A rosa ponde do galho?  
Cortejada pela brisa,  
Que de manso se desliza,  
Lambendo as gotas d'orvalho?

Não vês como enamorada,  
De castos risos cercada  
No lindo berço infantil,  
Ora exhalando perfumes,  
Ora rendendo ciúmes,  
Se ostenta altiva e gentil?

Mas depois que a terra beija  
Os raios que o sol dardeja,  
Quando o dia vaé em meio;  
O que é da flor mimosa,  
Ha pouco tão orgulhosa,  
Dos castos risos no seio?

Tristonha, murcha, sem vida,  
Dos fortes ventos batida,  
E' este o quadro fiel:—  
As petalas qu'aroma encerra  
Começão lastrar a terra,  
Das magoas sorvendo o fel!

Assim é nossa existencia,  
Neste mundo sem clemencia,  
Onde o viver é penar! —  
Se ao nascer tudo são flores,  
Após vem os dissaberes  
Nossos deleites roubar.

Mas, se queres ser feliz,  
Foge do falso matiz,  
Que o senso nosso seduz;  
Persiste na sã doutrina,  
Que a Religião nos ensina,  
Firme nos braços da Cruz.

S. Luiz—Agosto—1861. J. G.

#### Intervallos Poeticos

Vem, ó musa, risonha, vem comigo  
Por esse mundo alem dar um passeio.

X. Novaes.

Desce ó Musa, do *Parnaso*  
Deixa essa roda de *vates* . . .  
Cantores de disparates,  
De *Auhelos* . . . *Beijos no ar* . . .  
Deixa-os, vem pressurosa,  
Também me sê generosa,  
Sandices vem me inspirar.

Deixa as nojentas *crioulas*  
Mettidas la na *cuivara*  
Crioulas que viram a cara  
Ao *feitor*, se é impertinente;

Porem... que em outra morção  
 Já não dizem mais que—não;  
 Respondem: já vou contente!

Por la deixa os taes *Fragments*  
*Das Virgens dos meus amores*...  
 Sonhando c'os seus favores  
 Já dormi noites inteiras...  
 Minha avó, que já morreo,  
 Muitas palçadas me deo,  
 Deixei-me dessas asneiras.

Vem, ó Musa, vem me inspira,  
 Embora sejam frioleiras;  
 Sejam sim... mas *choradeiras*  
*Queixumes, suspiros, ais,*  
*Brisa, lua, noite, tetra,*  
 Edecet'ra e edecet'ra,  
 Vade retro Satanaz!...

Não desdenhes do convite...  
 Se queres vir, anda lesta;  
 Iremos juntos a festa.  
 Que é dos *Remedios* chamada...  
 No Lorgo... vê-se de tudo,  
 Como nos tempos de Entrudo,  
 Na risonha mascarada.

Os *mas'ras* que alli se *mostram*,  
 Todos se querem encobrir,  
 De suas origens fugir,  
 Empregando modos varios:  
 Os plebeos querem ser *nobres*,  
 De ricos figuram os pobres,  
 E os ricos, de *millionarios*!

Do caminho fatigada  
 Vejo estàs, pois vieste á pé;  
 Iremos então n'um *coupé*  
 E nisso segue-se a moda.  
 Vai-se bem, com segurança;  
 Diz o *Porto*, que o *aliança*...  
 Não larga mais—que uma roda!

.....  
 Graças! Chegamos salvos!  
 Só tivemos tres paradas,  
 As tripas bem agitadas;  
 Mas disso nenhum mal vem...  
 Em socego o mais profundo  
 Vamos rir-nos desse mundo  
 Que de nós ri-se tambem.

Eis alli tres retumbantes  
 Pais da Patria... tres *Catões*...  
 Tres candeias sem *morrões*  
 Da camara dos deputados...  
 Ao do meio... nesse recinto,  
 Deram o alcunha distincto  
 De orador dos *apoiados*!

O segundo... (um dos mais finos)  
*Fulminou* com seus *apartes*  
 Um milhão de *disparates*,

Discursos cheios de *masellas*...  
 O terceiro... esse *brilhou*!  
 Secções inteiras fallou,  
 Discorrendo em *bagatelas*!...

(Continua) (D. Quixote)

PARODIA

UM SONHO.

A' ella.

Vi em sonhos uma ovelha,  
 (Isto confesso com pejo),  
 Junto a—ella—um *cordeirinho*  
 Muito magro, dando um beijo!

Vi tambem... cousa horrivel!  
 Oh! que torpe desejo...  
 Surge d'ella—uma pitada,  
 Que espirrar lhe fez o beijo!

E o vi morto como um vate,  
 Mas que vate!.. outro não vejo?  
 Todo tempo amortecido  
 Só sonhava no tal beijo!

Acordou... e atraz das musas  
 Eil-o cego em cego arquejo,  
 Mas as musas forão ingratas,  
 Não lhe derão mais qu'um beijo!

A diva flamma dos vates  
 Nem se quer vio em lampejo;  
 Eis porque o *cordeirinho*  
 Não sonhou senão com beijo!

Sonhos destes publicados,  
 Por certo que nunca almejo,  
 E' desfructavel quem sonha,  
 A'—ella—pedir um beijo!...

Novembro—1861 K.

POESIA.

O que fui, e que sou,

Já fui querido das bellas,  
 De todas já fui amado,  
 Hoje! coitado de mim,  
 Sou por ellas despresado.

Já não tenho como d'antes,  
 Quem me delte um terno olhar,  
 Já vivo tão descontente,  
 Só neste mundo a penar.

Já não sei que seja amor;  
 Ah! quão desgraçado sou eu!  
 Inda viver neste mundo,  
 Sem aquillo que Deos me deu.

De que me serve por tanto,  
 Desta maneira o viver?  
 Vem oh! morte vem ligeira,  
 Acabar com meo soffrer.

C. F. D. V.

Typ.— Maranhense—rua Formosa n. 35.—1861.

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

*Litterario, Moral, Critico e Recreativo.*

Subscreve-se nesta Typ a 1\$000 por bimestre—ou 8 ns—A redacção aceita e publica todo e qual quer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

VIVA S. M. O



IMPERADOR

## O DIA 2 DE DEZEMBRO.

A aurora com dourados dedos vem limpando os horisontes sempre risonhos da nossa bella Ilha, annunciando um festivo dia. Sonoros passaros, presagos da meridiana luz, confundem o brando sopro da fagueira brisa matutina, com seus trinados arrebatadores. Marcias musicas peção o ar com acordes maviosos d'estripitosos hymnos. Os canhões das fortalezas e baluartes echoão além. As bombardas dos baixéis atroão e centenas de foguetes subindo ás ethereas regiões estalão. Dos vasos pendem multi-côres pendões, sobre-saindo orgulhoso o symbolo auri-verde, o estandarte Brasileiro. Os templos do Deus-vivo retumbão pelos cantos dos sagrados ministros.

O que é, que move á tanta agitação? Que é de novo, de extraordinario? perguntará, ó Maranhenses, o estrangeiro que jamais presenciou o alvorecer do—2 DE DEZEMBRO—na nossa patria. Attonito á tanto estrondo, á tantas demonstrações do publico regosijo ignora o que em nosso gremio se passa, se renova todos os annos.

Havendo as invariaveis leis do jubilo sancionado com o cunho da gratidão estas manifestações, o povo Maranhense, faltaria á um sagrado dever, seria-lhe mesmo desairoso, se nesta dacta solemne não exhibisse cabaes provas dos generosos sentimentos, sentimentos de brios, que possuem.

O Silencio e talvez entorpecimento ou frieza jamais se lhes notará para a commemoração de—2 DE DEZEMBRO—; dia do fausto natalicio de S. M. o Imperador; dia em que aprouve a Providencia alistar o nosso Augusto Monarcha no cathalogo d'aquelles luminosos

e rutilantes astros, que guiam a humanidade, semelhantes á propicia estrella que è o norte, o phanal do nauta que divaga nas solidões do oceano.

Todo Maranhense, todo Brasileiro, todo habitante da—Santa Cruz—deve saudar com effusão de gaudio tam venturoso dia; pois que vendo nascer nelle o nosso Magnanimo Principe, o seu coração, sobrepujando á o enthusiasmo secreto, ordena que prorompa em vivas á Seu Imperador, seu Pay, seu Bemfeitor.

Mil gerações futuras, abençoarão Pedro 2.º; e seu nome que cercado está de uma brilhante aureola, na Historia patria, ficará, na apothese da Fama, indelevel eternamente.. .

Exultae, ó Maranhenses, exultae; o enthusiasmo é santo, é louvavel, maximé, quando expontaneo e justo.

E vós, Povos do Norte; e vós Povos do Sul; todos do Imperio da Santa Cruz dizei:

— : VIVA S. M. O IMPERADOR: —

Maranhão 2 de Dezembro de 1861.

## SONETO.

AO DIA 2 DE DEZEMBRO.

*Vinde, vinde minha Lyra sonora,  
Decantar o nascimento glorioso  
De PEDRO SEGUNDO bondadoso,  
Se queres uma vez ser venturoso.*

*Mas como—se da Lyra desditosa  
Vibrar não posso um som mavioso  
Para a PEDRO offerecer virtuoso  
Que neste dia de praseres gosa!*

*Embora não vibre um som preclaro,  
Comtudo espalharei por todo o mundo  
Que sois do BRASIL sólido reparo.*

*Que sois digno de preito o mais profundo,  
Que sois nosso arrimo e nosso amparo,  
Augusto Imperador PEDRO SEGUNDO!*

San Luiz 1861.

Monteiro.

**Chronica Semanaria.**

Caras leitoras:—Eis que desperto com os choques que as cornetas da alvorada me dão aos ouvidos; as salvas do Baluarte, o hymno Nacional e alguns foguetes, me fazem para logo saltar da cama, tão ligeiro como o gamo quando avista o caçador.

Esfrego os olhos, procuro coordenar as minhas debéis ideias, mas, qual! . . . .

A embriaguez do somno não me permite atinar a causa de tanto jubilo. Só depois de largas conjecturas, é que dou com a vista sobre uma follinha que tenho pregada a porta do meu gabinete, e conheço então que estamos a 2 de Dezembro, logo, Anniversario Natalicio do nosso Monarcha.

Bem *je suis fortaiire*; tambem darei os meus vivas ao dia 2, o motivo ja se sabe, ao amavel sexo feminino, porque delle se compõem as minhas leitoras á quem—cumprimento—e viva eu, porque rabisco para ellas uma . . . . . uma cousa que chamo chronica!

Mas, com os diabos! antes desejaria uma *boa dor de dentes*, e mesmo uma *pulya nas botas*, do que ouvir o som de cornetas e salvas de 21 tiros, que me vierão arrancar do melhor d'um sonho aonde era tão feliz! Quando ancioso aguardava favoravel resposta á minha supplica, e repetia estes versos:—

*Eu quizera leitora formosa  
Respeitoso uma graça rogar,  
Eu quizera contente, risonho  
Doce sim, doce sim impetrar.*

*Eu quizera . . . perdão ó meu anjo  
Implorar-te por tal confiança,  
Eu quizera . . . peccado não é  
Um beijinho p'ra uma esperança!*

Com mil bombas! que neste momento acordei com *agua na boca*, segundo se diz, e só então vi, em vez do objecto dos meus sonhos, o meu gato preto ressonando como um bebado junto a minha cama. Ah! Ah! Ah! . . . Eis um desses casos bem digno de hilaridade

Mas agora não estou para rir-me, quando acordei com a mania das tristesas.

—Ouço na rua o arrastar de espadas, são talvez alguns officiaes da nossa Guarda Nacional que desejão mostrar-se antes do cortejo.

Distrahir-me-hei vendo-os passar; bem me diverte aquelles caxos tão dourados, aquella diversidade de fardas aonde nota-se, uma atacada já de *dôres de costellas*, outra talhada pelo figurino d'um sobre-tudo!

Inda o que mais me enthusiasma é aquelle brilhante *degagé*, que causaria infallivelmente inveja a esses bravos da velha guarda de Napoleão 1.º

—Leitoras cemeçou no dia 29, o novenario da Virgem S. da Conceição, cuja concurrencia, para os primeiros dias, tem sido numeroso. Permitti que por minha vez convide-vos para que com vossas adoraveis presenças ornem aquelle festivo lugar. Não receeis insipidez, não, ao contrario vereis subir todos os dias, ao ar interessantes baldes, (segundo diz a gazeta) ouvireis no pequeno largo, execuções de *Rigollettos*, *Trovadores*, *Traviatas* e toda essa mais *cambada* filhos de Donisetti. E quando dentro do templo a vista não se vos fartará de enlevar-se contemplando a brilhante armação delle, ali ouvireis tambem excellente musica vocal, e durante o officio Divino deveis orar, quando menos uma *Ave Maria* (que é mui curta) por vosso Chronista.

Não me posso estender mais, saude paz e folguedos, que aqui dou fundo.

Au revoir.

**Intervallos Poeticos**

Vem, ó musa, risonha, vem comigo  
Por esse mundo alem dar um passeto.  
X. Novaes.

(Continuado do n. passado.)

Olha alli para a direita. . .  
Que cara de santarrão!  
Dizem uns que tem outros não  
Dous LL no meio das costas. . .  
Ainda affirmar alguém ousa,  
Que do Porto *certa cousa*  
Vem-lhe em latas de lagostas!

Eu não sei. . . mas estou certo  
Que o conheci, não ha muito,  
Vendendo podre presunto,  
Manteiga velha e rançosa. . .  
Hoje. . . não. . . é um *fugurão*. . .  
Alcançou, dizem, que a mão  
De joven rica e formosa!

Alli vem dous *petis-maitres*  
Que se querem disfarçar. . .  
Talvez quizessem passar  
C'os modos azeoberbados  
Por tafues, por cavalheiros. . .  
Ja se vê, são dous caixeiros,  
Ou patrões improvisados.

Eu gosto dos Pés-de-Boi  
Quando suspiram chorosos  
Por esses tempos *saudosos*  
Do tamanco e das jaquetas. . .  
Dizem que então não se via  
O que se vê hoje em dia  
—Caixeiros feitos poetas!!!

Vês alem aquelle *nobre*  
De barbicas á. . . franceza?  
Chicotinho, perna têza,

Manciras do grande tom ?  
Cita Byron e Lamartine,  
Com supposto nome imprime  
Folhetins sem tom nem som.

Alli passa um jornalista,  
Um homem de contradança;  
Conforme tocam é que dança,  
A compasso e' o a barriga. . .  
Se o governo dá-lhe um osso,  
Tem nelle firme colosso,  
Com que se ampara e se abriga.

Vejo aquelle pobre homem,  
Que ao vel-o me causa dó !  
De um emprego vive só,  
Que não é dos mais rendosos;  
Mas traz a filha e a mulher,  
Como as não trazem qualquer  
Desses nossos dinheirosos !

Oh! que luxo de espavento  
Não brilha neste arraial !  
E' um luxo oriental,  
Que não comporta o paiz. . .  
Compõe-se desses chumaços  
Que são—podres canhamações.  
Nos bazares de Paris !

O logista, que é matreiro,  
Noites inteiras consome  
Descobrimdo o vario nome  
Que aos trapos dá mais valor;  
Surgem depois os fechús  
Mil cousas que acabam em ús,  
De pais, maridos terror!

*Sufit ad que bastam*  
Como se diz em latim;  
Ponhamos pois aqui fim  
A tantas murmurações. . .  
Tornemos um desafoço,  
Vamos vêr arder o fogo,  
Ao qual preside o—lamões.

Que poeta que não era  
Da linda Ignez o cantor !  
Cantando magoas de amor,  
Até se fez sapateiro ! . . .  
Era cantor e soldado  
Era um vate enamorado,  
Mas. . . agora ! . . . é fogueteiro !

(D. Quixote)

A' F. . . . .

.....  
E fiquei captivo assim.

(M. LEAL.)

Se os teus olhos eu não vira  
Não sentira  
Por elles agra paixão,  
Oh! jamais teria amado

Nem ficado  
Nesta horrivel prostação.

Porque amei-os ? Não sei  
Nem direi

A razão porque morri;  
Para mim ai ! forão escolhos  
Esses olhos  
Que mais lindos eu não vi.

Essa tua face morena  
Tão serena  
Que tinge leve carmin  
Cór de asevice os cabellos.  
São tam bellos.

Como nunca os vi assim.

E's um dom celestial  
E Divinal

O mimo da natureza.  
E's um unjo tão formoso  
Persuroso

Em que realça a pureza.

Esses teus olhos formosos  
Primorosos

Tenho-os n'alma a fulgir  
Só deixarei de amal-os

Adoral-os  
Quando deixar de existir.

Outubro=1861.

Rhybine.

~~~~~  
Amei !

(A' G.)

Un regard de quinze ans s'il y daigne descendre  
Daus men cœur consumé, ne remuerait que cendres,  
Cendres de passions qui palpitent toujours.

Lamartine—(Recueils.)

Apenas s'inclina gentil primavera  
Os campos toucando de graça e verdor,  
Eis surge após logo funereo outono,  
E o vigo das hervas fenece ao calor.

Assim é a vida ! amei um momento,  
Mas breve esse amôr de rojo senti-o,  
Qual mellico orvalho, que o sol adelgaça,  
Ou sombra a sumir-se veloz sobr'um rio.

Agora que o peito lhe guard'a saudade,  
E da taça o aroma cessou d'espargir,  
De glorias um sonho furtivo m'esperta,  
Qual flor que fanada sumio-se ao abrir.

E de tudo só resta a imagem mentida  
Das loucas chymeras, que o sonho transluz,  
Qual chamma, a soslaio dos ventos soprada,  
Que apenas se atcia, succumbe-lhe a luz.

Foi inda bem cedo que preso ao vil poste  
Chorei a traição, onde ri vencedôr;  
No langue volver d'uns olhos inlidos  
As azas crestei sem pena ao fulgor.

Eu sei que é bem triste o legado, que a sorte  
Doou me em partilha, «lembrar-me que amei,»

Eu sei! mas embalde, pedir-lhe é loucura,  
Embalde, que os sonhos no chão visarei.

Sò lagrimas tenho, as fieis companheiras  
Da vida de um triste, que a dôr soçobrou,  
Douradas esp'ranças, futuro risonho,  
A impla no lodo sem pena enxarcou!  
E depois dessa lagrima, a ultima, digo,  
Do peito vertida com intimo dô,

Contente será!

O meo a cabouço irá sob'a terra  
Sumir-se n'um atomo de gelido pô.

C. Marques.

#### Os olhos d'ella

Os teus olhos, donzella, são élos  
Que me prendem, que matão d'anôr,  
São estrellas em céu prateado  
Quaneo luzem discrepto fulgor.

Os teus olhos, donzella, encantão  
Quando tristes em casto scismar  
Volvem ternos qual aura fagueira  
Que a tarde vem branda soprar.

Os teus olhos, donzella, tão meigos  
Fulgem ternos com maga expressão,  
Ai, desenhão tão ampla virtude  
Matão mesmo d'ardente paixão.

Se algum dia p'ra mim se volvessem,  
Se pudessem c'os meus encontrar,  
Bem feliz eu seria gosando  
Esses olhos de meigo encantar

Mas, ah! que a sorte tão avara  
Traz-me o peito em agroso penar,  
Afastando de mim essa estrella  
Que meus dias podia aditar.

San'Luiz, 1861.

J. R.

#### SONETO.

Vai-te d'aqui, Cupido endiabrado,  
Que me tens dado tantos dissabores;  
E não sei si me possas dar maiores  
Que tantos que até'agora me tens dado.

Quanto insensato sou, tendo gastado  
Mais de meia existencia com amores  
D'esta paixão curtindo os amargores,  
E em vez de te culpar, culpando o fado.

Vai-te, vai-te, menino impertinente,  
Põe-te no andar da rua sem demora;  
Ou sahirás, talvez não mui contente.

Arre, sô velhaquete, vâ-se embora;  
A' velha Venus vá, que o acalante,  
Que o tolo que o soffreo já cá não mora.

Novembro—1861.

S. . .

#### ACROSTICO.

Verde-se a noite pela aurora que brilhante  
Em lèda emanção surge formozza,  
Pardejando viva luz que scintillante  
Recorda o dia em que a patria ditoza  
Ostenta e saúda com ingentè prazer  
De Dezembro de Pedro—o nascer!—  
Dezembro 2=1861. R.

#### CHARADAS.

No fundo dos sepulchos eu existo  
Tudo o que nasce, se reduz em mim,  
Os paramos desertos, empovôo; 1  
Desde que ha mundo, que eu existo assim.

E ninguem me acompanha! arida estrada  
Cançado caminhar! Que asno—que lida! 1  
Fui condemnada pela sorte dura,  
A passar deste modo a triste vida.

Sou como espelho, que reflecte a imagem,  
Mimosa e grata de gentil donzella,  
No collo encerro diamantinos paços,  
E em cada um delles, uma virgem bella,

Guimarães=1861.

M. F. DOS REIS.

A donzella que em triste meditar,  
Afastada do prazer, na solidão  
Pela magoa que lhe opprime o coração 1  
Anhella nesse instante assim estar.

Ignoro como hei-de me chamar,  
Filho d'outro filho, sei que sou.  
Mas disso a razão e que não dou 2  
Deixo a vós que sabeis advinhar.

Da poesia sou rei, eu bem conheço,  
Quando por bom éstro executado,  
Dá-me o leitor um grande apreço.

D'est'arte tenho tudo decifrado,  
Melhor esclarecer-vos não sareço  
Quando tendes á vista o procurado.

J. R.

Lá não me achareis  
Podeis procurar 1  
Sou feito de—Nero—  
Na frente a olhar 1  
Tambem sou advertio  
Que indico lugar. 1

#### CONCEITO.

Sou de barro sou de folha  
Tenho aza sem voar  
Tanto os velhos como os moços  
Todos me beijão na ar.

Outubro=1861.

Typ.—Maranhense—rua Formosa n. 35.—1861.

# O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

Litterario, Moral, Critico e Recreativo.

Subscreeve-se nesta Typ a 1\$000 por bimestre— ou 8 ns —A redacção aceita e publica todo e qual quer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

## JARDIM DAS MARANHENSES

MARANHÃO, 13 DE JANEIRO DE 1862.

Entramos no anno de 1862! O *Jardim das Maranhenses* ainda existe! graças a boa vontade dos Srs. assignantes.

Ei-lo, pois, saudando respeitosamente ao bello sexo, a quem deseja innumeradas e boas entradas de anno; e aos Srs. assignantes, a quem encarecidamente implora o perdão de suas faltas. Conhecemos serem ellas dignas de todo o reparo; mas como foram commettidas involuntariamente, pedimos mil desculpas: e novamente rogamos-lhes continuem á prestar o seu apoio á bem desta pequena, mas util empreza.

Temos lutado com immensas difficuldades, para a sustentação do *Jardim*, mas tambem á risca temos cumprido o seu programma publicado em o n. 1; o qual pretendemos fielmente seguir.

Concluindo este pequeno artigo, não podemos deixar de agradecer a todas as pessoas que, com suas bellas producções litterarias,

honrarão as paginas do nosso acanhado jornal; muito especialmente a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis.

Francas estão as paginas do *Jardim* á quem quizer honral-as com seus escriptos, uma vez que estes estejam comprehendidos nas raias da decencia.

### Chronica semanal.

— « Mais vale tarde do que nunca! » — E o rifão que sempre ouvi a meu avô, e o mesmo com que se escuda agora o *Jardim* para deffender-se das más linguas que *Erinnas* agouravão sua somnolencia no préio.

— Ei-lo pois; com o seu amigo o Sr. *Anno Novo*, acompanhado do invisivel chronista, desmentindo os *mortiferos* boatos propogados contra a sua reputação, e entrando sem mais preambulos na *ordem* dos tempos, *tim, tim, por tim, tim, p, a pá*, Santa Justa.

Mas, *in primo loco*, =tenho á dar os bons dias as minhas encantadoras leitoras, desejando-lhes felizes entradas de anno, como tambem certificar-lhes que o corcovado velhe,

o quer que fosse de afflictivo, e desagradavel; mas era de mais para suas forças, essa lucta, em que elle em vez de ganhar com a sua logica, perdia consideravelmente. Meditou por algum tempo, e depois disse:

O teu delirio te torna ingrato... mas eu te perdoo, não estás em ti. O commandante, passa a noite em terra, aproveita a sua ausencia; ali está uma lancha, vai a terra; mas pela honra, jura-me que antes do amanhecer estarás a bordo.

Juro-te— “ exclamou o moço, lançando-se nos braços do amigo.

Foi um abraço prolongado o desses jovens maritimos, a quem a igualdade de nascimento, e o embate dos mares tinha tão intimamente ligado.

Um momento depois, a lancha cortava mansamente as aguas, deixando após si um rasteiro esbranquiçado.

Acabavam de soar nove horas; a noite era escurissima, e nem sequer uma estrella se pintava no céu. Alberto, seguiu com o seo

## GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

por

MARIA FIRMINA DOS REIS.

(Continuado de n. 27.)

I.

Prometto-te, querido Alberto— “ interrompeo o moço francez — ” prometto-te que as não farei.

Nesse caso, principia por te deixar cá ficar: não vás, querido amigo, a essa entrevista.

O joven francez, teve então um momento de impaciencia e franzindo o supercilio, disse.

Custa-te, a prestar-me o serviço, que te peço? ... pois bem. Vai-te, e deixa-me com a minha loucura.

Alberto, fixou-o com indesivel tristeza: o coração como que nessa hora presagiava-lhe

chamado hoje o Sr. *Anno passado*, depois de morar-nos em casa 365 dias, aonde plantára toda a sorte de malícias, (menos de dinheiro, que a todos deixou queixosos), levou uma boa dóse de pontapês pelas cadeiras, e posto no *olho da rua*, foi dar a ossada na fonte do Apicum, que então também gemia e praguejava contra o rival—Anil.

—Voltando ao caso, o que dizia eu?

—Ah! sim, queria saber desde que tempo não converso com as minhas encantadoras leitoras, o que *ut ego cogicio*; (é latim,) *comment je pense*, (é francez,) se bem me recordo, (isto agora é portuguez,) foi . . . foi antes da festa e exposição dos Educandos Artífices, na qual o *Jardim* inda não tocou se quer de leve. Hoje porem, ainda que tarde cumpre fazê-lo.

E cessem as murmurações

Calle-se o *zabumba*

Prestem-se as atenções:

—“Erão 5 horas da tarde d'um dia que dizia a folhinha ser Domingo, atravessava eu muito caçado o immenso areal ao lado do Quartel, que como o Sahara submergia nesse dia os transitantes. Comtemplava tristemente o esta . . . a que ficarão reduzidas as minhas pobres calças brancas, quando ouço juncto a mim uma voz que para logo conheci ser a de um sugeito da roça, antigo cômpanheiro de escolla.

—“O! lá meu amigo, me diz elle; até onde *bajuga* Vmc. essas *gambias*?

—Ora não sabes? Digo-lhe eu; vou a exposição, para onde tenciono levar-te.

—Sim, me diz elle, eu mesmo ja ia nos zi-

ouvido de marítimo, o ruido dos remos, e quando cessou de ouvil-o, exhalou um profundo suspiro, e foi occupar o lugar de Gastão

## II.

E aquella bella, e melancholica tarde, succedera como já dissemos uma noite escura, e feia. As nuvens ameaçavam tempestade, e o vento gemia nas solidões das matas. Entretanto, Gastão, ebrio de felicidade; porque acabava de transpor esse pequeno lençol mivediço, que o separava da terra, dessa terra querida, onde hia encontrar a mulher de suas afeições, Gastão, dizemos nós corria como um louco, importando-lhe tanto a escuridão da noite, como lhe tinha importado a belleza arrebatadora da tarde. As nuvens, arqueavam-se negras, sobre os rochedos, por entre os quaes insinuava-se elle louco de esperanças, e de amor. Gastão, corria afadigado, dir-se-hia ter azas, entretanto o caminho parecia-lhe por demais longo. Tardava-lhe ver Epica.

*ducandos* ver isso, mas, diz-me, o que é *disposição*?

—Quazi rebento de rir-me como a rã; de fabula, emfim tomei um ar de conselheiro, franzi o sobr'olho como fazia o meu mestre, escarrei seis vezes como fazem os oradores da época, e fallei:

—Meu amigo, queres então que te diga o que é *exposição*? Olha, nada mais he do que um lugar aonde se reúnem raridades, preciosidades, celebridades, immoralidades e muitos outros desses nomes que me não vem agora a cachola.

—Então é para ahi que queres levar-me? disse o amigo já meio encordado.

—Calla-te, que na esphera em que habitamos tudo são exposições; em qualquer lugar, tudo e todos estão sujeitos as vistas curiosas de quem quer que seja, pelo que gozamos da mesma faculdade.

—Nisto entramos, a musica executa uma provocadora walsa e as moças circullando por todos os lugares fazião interessante alvoroço.

—Eis aqui, digo eu ao meu *intruzo*, entrando na salla dos *retratos*, eis aonde melhor devemos conhecer-nos. Vê entre aquellas phisionomias mudas, esta paysagem representando um *conde emigrado* affectando a posição de orador. Observa estes delicados trabalhos dos Collegios da Gloria e Soledade, e não deves deixar de bem examinar aquelle lindo quadro de madeira classificado como obra-prima da exposição.

Vê ainda d'aquelle lado, o Tinoco, provo-

Por essas sendas tortuosas, por essas bre-nhas quasi virgens de uma habitação do homem civilizado, por esses lugares, que ja não tendo aqui, e ali a selvagem belleza d'uma mata virgem, não tinha também em parte alguma o character d'uma povoação, corria velozmente o joven collega de Alberto, sem outra ideia mais que a de encontrar em breve a bella filha do deserto. Nem sempre aos vinte e um annos o homem tem o coração gasto, e resfriado pela sucessão continua de paixões desenfreadas: aos vinte e um annos, ainda o homem não se pode furtar aos transpostes d'um amor puro, sentimento unico na vida, que nos faz virtuosos, que nos aproxima de Deos, que nos purifica a alma, elevando-a nas doçuras d'um extasi, até as regiões do céu.

(Continúa.)

cando riso aos tolos, e a compaixão a quem possui um pouco de senso.

Finalmente, reflecte sobre este quadrozinho que, antidoto ao pudor feminino, veria ao menos estar collocado em lugar onde seus traços fossem menos visíveis.

A polka-chorado, ou landum, como chamam outros; foguetes por todos os lados do estabelecimento annunciação finda a primeira noite.

Na segunda feira houve pouca concurrencia, comtudo findou depois da hora designada.

O terceiro e ultimo dia, sim, pôde ser classificado o melhor da exposição.

Havia grande profusão de moças, (almas da festa) entre as quaes sobresahião ineflavéis bellezas que a cada passo captivavão, derretião mesmo o coração da gente.

Lá se acharão tambem nessa noite as educandas do Azylo de Santa Thereza, que ja fazem o seu *volum*, pois ja usão balões. ....

Não deixaremos de notar os *charopes de vista* que tomarão ali alguns celebres *namorados*, pois erão por demais *confortativos*. Entendem? ...

Com justa razão dirão os leitores que totalmente temos aberrado dos nossos fins, isto é:—relatando na Chronica da semana factos inteiramente alheios a ella, quão summamente remotos; mas, se tiverem um pouco de paciencia virão explicar-nos.

—Comparemos pois, o *Jardim* com um programma ministerial, que, por melhor explicado nunca contenta a todos e até, seguindo a opinião de muitos, é a cousa mais *intrincada* do mundo.

E' o mesmo que agora lhes acontece:

Não podendo dar elle uma viva explicação da sua ausencia na estréa jornalística, promette comtudo tambem as suas leitoras, um franco e leal apoio, mais pontualidade e melhoramentos, assim como promette ser menos esbanjador de tempo, & &.

Quanto a sua chronica, está definido que, havendo essa pontualidade na publicação, não se afastará da descripção dos factos da semana, nem os mencionará alheios a ella.

—Serve a explicação?. Podéra não.

—*Allons donc!* avante, sr. chronista, massemos mais um pouco as pacientes leitoras trazendo-lhe a memoria a bella festa de Natal, Anno-Bom e Reis.

O grande dia do Redemptor do Mundo, como sempre, passou-se insipido na cidade.

Eraõ as chacharas que nesse dia ostentavão altivas o prazer de receber em seus seios tantas Nymphas, que mais fresca davão á suas flores e mais amenidade e perfume em toda a sua extenção. A vista de tanta pureza

e virgindade, como a ilha de Calipso, parecião revestir-se d'uma eterna primavera.

O dia de Anno-Bom, passou-se para mim bem alegre; ri-me a fartar ao ver uma porção de moleques trajados à *sans facon*, levando seu arrojo a ponto de intitular-se *pastores e desentourem* a vista da imagem d'um Menino Deus, canções até indecentes, cheias de toda a sorte de parvoices. Comtudo, esse reprovado uso vai desaparecendo d'entre nós.

Tambem só as luzes do seculo nos livraria de tal, pois que infelizmente só no Maranhão a policia não intervem neste negocio.

E os taes *Congos*? Jesus! nem toquemos nisso. ....

A vespera de Reis, foi uma noite de completa *harmonia*, a excepção de varios grupos de *chuchadores* que acompanhados d'uma *rancosa* viola *grunhião* de porta em porta com desagradavel effeito das vozes, desde o peor e desentoadado verso, até o melhor que é este:

Gloria ao Deus Menino  
Gloria ao Omnipotente  
Que esta nossa gente  
Só querem *cachaça*!

Houveram diversos soirés, no melhor dos quaes bastante me diverti.

Minhas leitoras, perdão por tanto vos ter massado, porem era forçoso desenferujar a lingua que jazia quèda com a ausencia do *Jardim*.

Até a vista.

#### A LYRA DESDITOSA.

Inda hontem afinei a lyra pura,  
Para trovar;  
E d'ella fiz soar sons maviosos,  
Ao luar.

Pela vez primeira, hontem, n'um salão,  
Ao anoitecer;  
*Fi-la amar como eu a formosura*  
De uma mulher.

Minha lyra então ditosa me desia  
«Praser e amor,  
São as duas palavras mais amigas  
Do trovador.»

Eu julguei-me feliz,—mas de repente  
Sumio-se a visão,  
E eu descrendo de tudo o que ha no mundo,  
Busquei a solidão

Minha lyra agora envolta em feio luto  
Emudeceu;  
Pois a virgem a quem ella decantava  
Feneceu.

Minha lyra desditosa e malfadada,  
Nunca mais cantará,

Pois finou-se com—*Ella*—, e seus decantes,  
Ninguém mais ouvirá.

Caxias—1861.

*Silva Viveiros.*

SONETO.

Tenho uns loucos desejos de poeta,  
Quero sê-lo, na rascada ja me metto,  
Vejo todos fazerein o seu soneto,  
Só eu não toquei inda na méta

Já vejo, fui metter-me em *carrapeta*  
*Pé-quebrado* para mim é verso feito,  
Mas os outros ja lhes notão este defeito  
E fico eu com a cara de patêta.

Nada importa, quando eu bem conheço  
Copistas que ahí tem em profusão  
Roubando poezias de arremesso.

Sou *poéta* e o provo com razão....  
Se as copias se dão tamanho apreço,  
Do meu pobre soneto o que dirão?...

Novembro—1861.

*J. R.*

A' Capella

No Domingo corre a missa,  
Tudo quanto è moça bella;  
Senão è para rezar  
Para que vão á Capella?  
E' p'ra ver o Santo Padre  
Conduzindo sua Umbella?  
Senão è para rezar  
Naõ voltem mais a Capella.

Senhor, eu vou á Capella,  
Vou me entregar toda a Deus,  
Vou ouvir o Santo Padre,  
A dizer os cantos seus;  
Vou beijar a Santa Virgem  
Com os tristes labios meus,  
Para subirmos aos Ceos  
Vou pedir, rogar a Deos.....

Janeiro—1862.

*C. G.*

ELLA.

Doces encantos,  
Qu'amor inspira  
Prestar não pode  
Minha tosea lyra:

Nem bem pintar  
Ternos desmaios,  
Por ser, recente  
Nos seos ensaios.

Por tanto a lyra  
Minha singela,  
Se fallar sabe  
De mim e—*Ella*!..

Mas triste vida  
Que me mantem;  
Por que ignore  
Se amor me tem.

Em vão suspiro,  
Já despresado  
Saber não posso  
Se sou amado.

Mas se o não faz  
Não viverei,  
D'atra paixão  
Sucumbirei!..

E' d'entre as jovens  
A mais formosa,  
Como dos vergeis  
A brãya rosa.  
E' linda deusa,  
Preclara e bella,  
Sendo eu humilde  
Escravo d'ella!

Janeiro—1862.

Assim oh! bella,  
Cuidados meos,  
Volve p'ra mim  
Os olhos teos  
Jamais t'esqueças  
Deste infeliz,  
Que'amor te vota  
Que se não diz.

*J. F.*

A D E U S .

Ai... adeos oh! ingrata que eu parto  
Para longe de ti vou viver!...  
Nas campinas e bosques frondosos  
Que primeiro me virão nascer.

Mas desprezas; te esqueces de mim  
E' a paga de um amor casto e puro;  
Que soffrer me tem feito por cá,  
Cruel fado, e que fado tão duro...

Trabalhei o que pude, e não vi  
Fructo algum de maduro, no chão,  
Tanto bem que cá fiz tudo deixo  
E só levo, o que? ingratitude...

Fica só satisfeita e alegre  
Onde tudo só è illuzao  
Os folguedos que gozas aqui  
Não são filhos do teu coração.

Rio de Janeiro.

*L.*

=CHARADAS.=

A' premio.

Quando um Rei de mim usa p'ra seu povo,  
Quando os crimes mais enormes lhes perdôa,  
Assim è chamado.

Se achas poucc? Então muda para—i—  
Minha ultima que vogal è tambem boa,  
E terás advinhado. 3

Nesse herôe que quasi o mundo conquistou,  
Que Nabucodonozor o foi segundo  
Me encontrarás.

Se mais claro quizerdes, eis a grammatica  
Sem urgencia de estudo mui profundo  
Preposição me terás. 1

E' o nome d'uma Virgem,  
Da natureza o primor,  
Ditoso mimo dos Céos,

=Um cherubim do Senhor! =

Janeiro—1862.

*J. R.*

Quem não tem me possui,  
Quem possui não me tem. 3

Quem possui faz o que quer,  
Quem me tem não passa bem.

Janeiro—1862

*C. F. D. V.*

Decifração das Charadas do n. passado—  
1ª Poço, 2ª Soneto, e a 3ª Caneca.

Maranhão, Typ. Maranhense— rua Formosa 1862.